

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ORLANDO EDUARDO CAPELLÃO MARTINS

**DA OBJEÇÃO AO RECONHECIMENTO: CONFLITO E SUPERAÇÃO NA
CONSTITUIÇÃO DA EDUCAÇÃO TEOLÓGICA FORMAL NAS ASSEMBLEIAS
DE DEUS NO BRASIL**

São Leopoldo

2017

ORLANDO EDUARDO CAPELLÃO MARTINS

DA OBJEÇÃO AO RECONHECIMENTO: CONFLITO E SUPERAÇÃO NA
CONSTITUIÇÃO DA EDUCAÇÃO TEOLÓGICA FORMAL NAS ASSEMBLEIAS
DE DEUS NO BRASIL

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de concentração: Religião e Educação
Linha de Pesquisa: Ensino e Leitura da Bíblia

Orientador: Rudolf von Sinner

São Leopoldo

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M386d Martins, Orlando Eduardo Capellão

Da objeção ao reconhecimento: conflito e superação na constituição da educação teológica formal nas Assembleias de Deus no Brasil/ Orlando Eduardo Capellão Martins ; orientador Rudolf von Sinner. – São Leopoldo : EST/PPG, 2018.

95 p. : il. ; 31 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2018.

1. Ensino religioso. 2. Pentecostalismo – História..
3. Assembleia de Deus . I. Sinner, Rudolf Eduard von, 1967- .
II. Título.

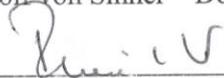
ORLANDO EDUARDO CAPELLÃO MARTINS

**DA OBJEÇÃO AO RECONHECIMENTO: CONFLITO E SUPERAÇÃO NA
CONSTITUIÇÃO DA EDUCAÇÃO TEOLÓGICA FORMAL NAS ASSEMBLEIAS
DE DEUS NO BRASIL**

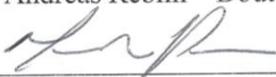
Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da Bíblia

Data de Aprovação: 21 de julho de 2017.

Rudolf von Sinner – Doutor em Teologia – EST (Presidente)



Iuri Andréas Reblin – Doutor em Teologia – EST



AGRADECIMENTOS

“Crer é também pensar” – (John Stott)

Em primeiro lugar, quero agradecer ao nosso Senhor Jesus Cristo, que, por meio de sua graça, tem me capacitado a escrever sobre este tão rico tema da fé cristã.

À minha esposa Cleusa, companheira fiel, que suportou compromissos, leituras e que soube compreender a importância do mestrado em nossas vidas, quando disse sim à venda de nosso único imóvel, o que possibilitou o investimento neste curso.

À nossa filha, Larissa, milagre do Senhor em nossas vidas; que suportou, com amor e carinho, muitas ausências paternas, mas, com o seu sorriso e amor, me incentivou nesta longa caminhada e assim, agradeço pelo amor e apoio irrestrito de minha esposa e filha.

Aos meus pais, Orlando e Ângela Martins, que me ensinaram a crer na Bíblia e a confiar em Deus; o meu muito obrigado, pois o legado que recebi deles, me ensinou a ser quem eu sou. Também quero agradecer por todo o apoio que me deram durante toda esta caminhada.

Aos meus queridos irmãos Leandro, Victória e Lucas, aos meus sogros Francisco e Guilhermina, cunhados, cunhadas e sobrinhos pelo apoio e carinho.

Aos meus pastores e líderes Junior e Victória Batista, que têm sido um referencial no meu caminhar cristão, o meu muito obrigado pelo apoio e orações, visto que, souberam compreender as minhas ausências das atividades eclesiais e teológicas.

A minha amada vó Delfina, que semestralmente nos recebeu com muito carinho e amor em sua casa, onde nos sentimos, como se estivéssemos em nosso próprio lar. Aos meus tios, tias e primos, que nos receberam com muito carinho. A minha amada vó Ivanosca e ao meu vô Armando, in memoriam.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Rudolf von Sinner, pelas orientações acadêmicas, o que me desafiou em cada pesquisa feita e enriqueceu em muito minha experiência acadêmica.

Aos meus professores e colegas de aula na EST.

Também agradeço a todos os pastores, professores e teólogos cujos ensinamentos sempre guardarei em meu coração. Louvo a Deus por todos os irmãos e amigos que sempre oraram por mim e me ajudaram na minha caminhada cristã.

Aos amados professores e pesquisadores Fátima Costa, Paulo Mazarem e Marta da Silva, que com suas contribuições acadêmicas e orientações, muito contribuíram para a concretização desta dissertação. A estes, o meu sincero obrigado!

Aos meus amigos Arlei Carlsen, Fernando Mendes, Fernando Vedana, Geziel Damasceno, Iran Bittencourt, Jean Ramos, José Augusto Silva e Paulo Mazarem.

A AD Mais de Cristo, igreja onde congrego e onde exerço meu ministério como teólogo e pastor auxiliar.

Aos professores da Faculdade Mais de Cristo, bem como aos professores dos demais cursos teológicos e faculdades, em que leciono como professor.

Aos estudantes de Teologia, alvo principal desta pesquisa.

RESUMO

A educação teológica formal foi alvo de muitas críticas durante a história das Assembleias de Deus e por meio desta pesquisa procurar-se-á analisar a relação conflitiva entre a educação teológica formal e a experiência religiosa representada no contexto das Assembleias de Deus no Brasil. A costumeira postura de resistência à educação teológica formal foi fruto do anti-intelectualismo, marca do reavivamento, o que criou um dualismo entre a educação teológica formal e a experiência religiosa, a razão e o sentimento. Justifica-se a pesquisa deste tema pelo fato de que, mesmo tendo havido avanços no que diz respeito ao reconhecimento da importância da educação teológica no seio do pentecostalismo, todavia muitos líderes preferem a teologia devocional em detrimento de uma teologia acadêmica de reflexão aprofundada. Teve-se como resultado mais expressivo do conjunto de pesquisas documental e bibliográfica, a confirmação do conflito que houve entre a missão sueca, contrária à fundação de institutos bíblicos e a missão americana, que apoiava a fundação destes institutos. O presente trabalho, desenvolve-se ao longo de três capítulos, nos quais estarão sendo apresentados de forma que sua textualidade interna seja coesa e articulada, sendo que no primeiro capítulo aborda-se a apresentação de fatos históricos que discorrem acerca do desenvolvimento da Educação Teológica nas Assembleias de Deus no Brasil ao longo da história. Já no segundo capítulo, abre-se as discussões sobre o avanço da educação teológica, com o surgimento do primeiro instituto bíblico pentecostal em solo brasileiro. O terceiro capítulo trata das variáveis relacionadas à consolidação e ao fortalecimento da experiência religiosa nas Assembleias de Deus no Brasil a partir da implantação do projeto de “educação teológica formal”, sendo que estes conceitos são aprofundados e correlacionados nas considerações finais, bem como sugestões e contribuições para trabalhos futuros.

Palavras-chave: Educação teológica formal. Experiência religiosa. História do Pentecostalismo. Razão e emoção.

ABSTRACT

Formal theological education was the target of many criticisms throughout the history of the Assemblies of God and through this research we will seek to analyze the conflictive relation between formal theological education and the religious experience represented in the context of the Assemblies of God in Brazil. The customary posture of resistance to formal theological education was the fruit of anti-intellectualism, a mark of revivalism, which created a dualism between formal theological education and the religious experience, reason and feeling. Research of this theme is justified by the fact that, even though there have been advances as to the recognition of the importance of theological education in the bosom of Pentecostalism, there are still many leaders who prefer the devotional theology in detriment of an academic theology with deeper reflection. As a more expressive result of the set of documental and bibliographic research was the confirmation of the conflict that occurred between the Swedish mission, against the foundation of Biblical institutes and the American mission which approved the foundation of these institutes. This paper, developed throughout three chapters, presented in a way that its internal textuality should be cohesive and articulated deals in the first chapter with the presentation of historical facts which discourse about the development of Theological Education in the Assemblies of God in Brazil throughout history. In the second chapter, the discussion is opened up to the advance of theological education with the emergence of the first Pentecostal biblical institute on Brazilian soil. The third chapter deals with the variables related to the consolidation and the strengthening of the religious experience in the Assemblies of God in Brazil based on the implantation of the project of “formal theological education”, being that these concepts are deepened and correlated in the final considerations, as well as suggestions and contributions for future research.

Keywords: Formal theological education. Religious experience. History of Pentecostalism. Reason and emotion.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------|--|
| AD | Assembleia de Deus |
| ADMC | Assembleia de Deus Mais de Cristo |
| CAPU | Casa Publicadora das Assembleias de Deus em Portugal |
| CEC | Conselho de Educação e Cultura Religiosa |
| CEMP | Centro de Estudos do Movimento Pentecostal |
| CGADB | Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil |
| CIADSCP | Convenção das Assembleias de Deus de SC e Sudoeste do PR |
| CPAD | Casa Publicadora das Assembleias de Deus do Brasil |
| EBD | Escola Bíblica Dominical |
| EBO | Escola Bíblica para Obreiros |
| EST | Escola Superior de Teologia |
| FMC | Faculdade Mais de Cristo |
| IBAD | Instituto Bíblico das Assembleias de Deus |
| IBADAM | Instituto Bíblico das Assembleias de Deus do Amazonas |
| IBADEJ | Instituto Bíblico das Assembleias de Deus em Joinville |
| IBE | Instituto Bíblico Esperança |
| IBP | Instituto Bíblico Pentecostal |
| MP | Mensageiro da Paz |
| RELEP | Rede Latino Americana de Estudos Pentecostais |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 17 |
| 2 COMO A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA FORMAL PROSPEROU NO ÂMBITO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL? | 23 |
| 2.1 A chegada do Evangelho no Brasil | 23 |
| 2.1.1 <i>A chegada da Família Real e a abertura à fé protestante</i> | 24 |
| 2.2 A chegada da fé pentecostal em solo brasileiro | 25 |
| 2.2.1 <i>A influência Histórica dos Movimentos de Renovação Espiritual</i> | 25 |
| 2.3 A Reforma Protestante do século XVI | 26 |
| 2.3.1 <i>João Calvino e a sistematização da Teologia Reformada</i> | 27 |
| 2.3.2 <i>A Pós-Reforma e o surgimento do Pietismo</i> | 27 |
| 2.3.3 <i>A Educação Teológica e o Primeiro Grande Despertamento, evento promovido pelo Puritanismo</i> | 28 |
| 2.3.3.1 <i>O Movimento de Santidade: A base do Pentecostalismo Moderno</i> | 29 |
| 2.3.4 <i>O Segundo Grande Despertamento, os Movimentos de Renovação Espiritual e o Anti-Intelectualismo</i> | 29 |
| 2.4 A Herança do Anti-Intelectualismo no Pentecostalismo da Igreja da Missão da Fé Apostólica na Rua Azusa e sua Influência sobre o Pentecostalismo Brasileiro . | 30 |
| 2.4.1 <i>A Missão Sueca e as Primeiras Décadas do Movimento Pentecostal no Brasil</i> ... | 32 |
| 2.4.2 <i>Educação Teológica: Rejeitada pela Missão Sueca, mas incentivada pela Missão Americana</i> | 34 |
| 2.5 A Escola Dominical e a Manutenção Doutrinária da Igreja | 35 |
| 2.6 A Relação Conflitiva Entre a Educação Teológica Formal e a Experiência Religiosa nas Assembleias de Deus | 36 |
| 2.7 Considerações | 38 |
| 3 PRINCIPAIS REFLEXOS DO SURGIMENTO DO PRIMEIRO INSTITUTO BÍBLICO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL SOBRE A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA PENTECOSTAL | 39 |
| 3.1 O pentecostalismo e os seus desdobramentos históricos e teológicos | 39 |
| 3.2 As Primeiras Tentativas para a Fundação de um Instituto Bíblico | 40 |
| 3.3 Da Objeção ao Reconhecimento: Quais foram os acontecimentos que legitimaram a fundação do Primeiro Instituto Bíblico | 41 |

| | |
|---|-----------|
| 3.3.1 Conflito nas Convenções entre as Missões Sueca e Americana por causa dos Temas Teologia e Instituto Bíblico | 43 |
| 3.3.2 A Influência americana na Criação do Primeiro Instituto Bíblico | 44 |
| 3.4 A Formação das Primeiras Turmas de Alunos dos Institutos Bíblicos e o desprezo da Liderança das Assembleias de Deus..... | 46 |
| 3.5 Tensões e Mudança de Mentalidade na Liderança do Movimento Pentecostal Brasileiro..... | 48 |
| 3.6 Faculdades Teológicas e o Reconhecimento pelo MEC..... | 51 |
| 3.7 Considerações..... | 51 |
| 4 EM QUE MEDIDA A ESTRUTURA CONSTRUÍDA PELA EDUCAÇÃO TEOLÓGICA FORMAL, CONTRIBUIU PARA O FORTALECIMENTO DA TEOLOGIA E DA IDENTIDADE PENTECOSTAL NO BRASIL? | 52 |
| 4.1 O crescimento do interesse dos pentecostais pela Educação Teológica e pela vida acadêmica | 52 |
| 4.1.1 <i>A Oralidade Pentecostal e a Relevância da Escrita no Pentecostalismo Moderno</i> | 53 |
| 4.2 A Educação Teológica Formal, o Fortalecimento da Casa Publicadora das Assembleias de Deus e o Surgimento de Novos Escritores e Teólogos Pentecostais | 54 |
| 4.2.1 <i>A Educação Teológica Formal e o Aprofundamento da Mensagem Pentecostal..</i> | 55 |
| 4.2.2 <i>O Surgimento de novos modelos de Igrejas Pentecostais, Influenciadas por uma Proposta mais Teológica e menos Empírica</i> | 55 |
| 4.3 O Fortalecimento da Teologia Pentecostal e o Surgimento de Centro de Pesquisas | 56 |
| 4.4 O Fortalecimento da Teologia pentecostal e a sua Influência sobre a Liderança das Assembleias de Deus no Brasil | 57 |
| 4.5 Apesar do reconhecimento, ainda falta incentivo aos estudantes de Teologia .. | 58 |
| 4.6 A Educação Teológica Formal e o Surgimento de uma Cosmologia Cristã..... | 60 |
| 4.6.1 <i>A Educação Teológica Formal e a Importância da Apologética Cristã Pentecostal</i> | 60 |
| 4.6.2 <i>A Importância da Experiência Religiosa para a Educação Teológica Formal</i> | 60 |
| 4.7 Considerações..... | 61 |
| 5 CONCLUSÃO | 63 |
| REFERÊNCIAS..... | 65 |
| ANEXO I – CURRÍCULO DO CURSO BÁSICO EM TEOLOGIA, OFERTADO PELA EETAD, DESDE 1979 E QUE POSSUI ÊNFASE MINISTERIAL COM ENFOQUE NA TEOLOGIA PENTECOSTAL | 71 |

| | |
|--|-----------|
| ANEXO II – CURRÍCULO DO CURSO DE BACHAREL EM TEOLOGIA DA FAECAD (MEC) | 73 |
| ANEXO III – O PENSAMENTO DE QUATRO ÍCONES DO CRISTIANISMO E A INFLUÊNCIA SOBRE O ANTI-INTELECTUALISMO NORTE-AMERICANO | 75 |
| ANEXO IV – DURANTE A AURORA DO MOVIMENTO EM AZUSA DISSEMINARAM-SE CONCEITOS ANTI-INTELECTUALISTAS | 77 |
| ANEXO V – Credo das Assembleias de Deus “O cremos” é exposto desde 1969 no jornal Mensageiro da Paz | 79 |
| ANEXO VI – TRECHO DO MANIFESTO DE REFLEXÃO TEOLÓGICA PENTECOSTAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL | 81 |
| APÊNDICE I – USOS E COSTUMES: A MANUTENÇÃO DA DOCTRINA PENTECOSTAL | 83 |
| APÊNDICE II – CRONOLOGIA DA EDUCAÇÃO TEOLÓGICA NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS | 89 |
| APÊNDICE III – ENTREVISTA COM O TEÓLOGO E EDUCADOR PENTECOSTAL JESIEL PAULINO..... | 91 |

1 INTRODUÇÃO

Pretende-se, com este Trabalho Final, analisar como se deu a mudança de postura da liderança das Assembleias de Deus no Brasil: de objeção ao ensino formal até sua superação, na medida em que se passou a aceitá-lo e até recomendá-lo como necessário à formação de seus obreiros. Tal análise será permeada por pesquisa bibliográfica/historiográfica, a fim de se caracterizar a presente pesquisa como de caráter qualitativa.

Com isso, objetiva-se: a) Apresentar o existente dualismo entre a Educação Teológica e a Experiência Religiosa, representado por meio das visões sueca e americana, que permearam o pensamento pentecostal em suas primeiras décadas de existência; b) Descrever a caminhada histórica da educação teológica no país; c) Relacionar aspectos essenciais da educação teológica com a realidade brasileira; d) Contribuir para a compreensão da relevância do ensino teológico formal no movimento pentecostal.

Este Trabalho Final procura abordar a relação conflitiva entre a fé pentecostal marcada pela experiência religiosa e a educação teológica formal, que teve início no anti-intelectualismo de um movimento religioso de renovação espiritual.¹ É importante ressaltar que a origem dessa rejeição ao conhecimento intelectual fundamentou-se na vivência mística, visto que, para os primeiros pentecostais, o que realmente importava era o carisma. “Quando Deus removeu a venda dos meus olhos, este pecador pôde ir imediatamente pregar, sem qualquer treinamento teológico”.²

Assim, uma leitura histórica de tais narrativas evidencia a aversão por qualquer proposta que colidisse contra o movimento do Espírito e dessa forma, a mensagem pentecostal foi se propagando e chegou ao Brasil.

O Pentecostalismo chega ao Brasil em 1910, através do missionário italiano Louis Francescon, que primeiramente realiza seus trabalhos entre a colônia italiana no sudeste do Brasil; já os missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren começaram a Assembleia de Deus no estado do Pará e em pouco tempo esta igreja atinge o Nordeste e o Sudeste, pregando basicamente a mensagem pentecostal.

¹ NAÑEZ, Rick. *Pentecostal de coração e mente: um chamado ao dom divino do intelecto*. São Paulo: Ed. Vida, 2007. p.166-174.

² CARTWRIGHT, 1856 apud NANEZ, 2007, p. 169.

No Brasil, as Assembleias de Deus nasceram, cresceram, consolidaram-se e tornaram-se uma denominação majoritária.³ Isto sem a implantação e implementação de uma educação formal⁴, visto que os primeiros missionários pentecostais suecos consideravam o ensino teológico como algo desnecessário e sem importância. Já que o que realmente tinha importância era o carisma⁵ e não a educação teológica, que eles pejorativamente chamavam de “fábrica de pastores”.⁶

Entre os pioneiros pentecostais havia o entendimento de que o estudo poderia sufocar a espiritualidade e, por isso, quase sempre afirmavam que a “Letra” matava, mas o Espírito, segundo os pentecostais que interpretam as Escrituras *ipsis litteri*, vivificaria a fé. De acordo com essa perspectiva, a “Letra” representava: o acúmulo de conhecimentos que caducava a vida devocional levando-a à morte. Deve-se expor ainda que o estudo acadêmico e teológico era, em alguns contextos, demonizado através de uma retórica que se servia de passagens bíblicas, reinterpretadas com o intuito de desestimular os interessados pelos estudos teológicos.⁷

Todavia, por mais que houvesse resistência ao ensino teológico formal nas ADs, não existiu uma aversão ao ensino da Bíblia, visto que, mesmo sem a devida profundidade, desde o início da história da denominação, já havia a Escola Bíblica Dominical (EBD)⁸ e a Escola Bíblica para Obreiros (EBO)⁹, mesmo que fossem cursos

³ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleias de Deus: 1911-2011*. Rio de Janeiro: Diálogos, 2013. p. 109.

⁴ ALENCAR, 2013, p. 109.

⁵ Carisma: “dom da graça”. Dentro da cultura pentecostal, é o termo que representa os cristãos que creem nos chamados dons do Espírito Santo, ou seja, o carismático, que de acordo com Isael Araújo: “Termo genérico usado para descrever os cristãos que creem que manifestações do Espírito Santo operadas na igreja cristã do primeiro século tais como curas, milagres, profecia e glossolalia (falar em outras línguas ou idiomas), estão disponíveis aos crentes contemporâneos e devem ser experimentados”. ARAUJO, Isael de. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 2014, p. 155.

⁶ Fábrica de pastores: Alguns missionários suecos chamavam o IBAD de fábrica de pastores, por causa da origem do nome Pindamonhangaba que significa “Fábrica de anzóis”, e como o Instituto Bíblico está situado nesta cidade, logo, os pastores apelidaram o IBAD de “Fábrica de pastores”. *O ESPÍRITO em movimento na Assembleia de Deus*. Joinville: Editora REFIDIM, 2013, p. 72.

⁷ MARTINS, Orlando. *A Educação teológica formal e a experiência religiosa nas Assembleias de Deus no Brasil: Conflito e Dialética*. Monografia (Especialização *Lato Sensu* acadêmica em Gestão e Metodologia do Ensino) – Curso de Pós-Graduação em Gestão e Metodologia do Ensino – UNIESC, 2017. p. 28.

⁸ A EBD é um curso bíblico com duração de três meses, ministrado através de lições comentadas por pastores ou professores bíblicos. Nas primeiras quatro décadas, basicamente, foram comentadas pelos pastores suecos, sendo as lições de caráter bíblico, devocional e dogmático. FAJARDO, Maxwell. *Onde a Luta se Travar*. Curitiba: Editora Prismas, 2016. p. 180-183.

⁹ Em detrimento à educação teológica formal, que foi deixada de lado pelos missionários suecos, a EBO foi o modelo adotado por estes missionários, sendo que era um curso com duração de quinze dias, onde eram abordados temas práticos para o exercício do chamado pastoral e eram realizados em lugares estratégicos. O conteúdo abordado era de caráter mais devocional e prático, objetivando mais a formação prática e do dia a dia pastoral, entretanto, faltava à exposição de uma teologia mais

ou aulas bastante práticas e com pouco aprofundamento reflexivo. Sendo esta uma opção da missão sueca, até porque nas primeiras décadas a liderança brasileira, era majoritariamente formada por pastores suecos e estes achavam desnecessário o conhecimento teológico formal.¹⁰

Com o passar das décadas, começaram a vir para o Brasil os missionários americanos e estes, além de apoiar¹¹ a implantação da educação teológica, eram em sua maioria formados em Teologia.¹² Diferentemente dos pastores suecos, que viam a educação teológica formal como uma ameaça e investiam na formação dos Obreiros através de Escolas Bíblicas com temas que obedeciam uma programação pré-determinada, sem profundidade e que atendiam a algumas necessidades das igrejas locais, de modo que, os estudos eram bastante práticos e poucos doutrinários. Existia muita dúvida entre os obreiros e pouca reflexão teológica acerca dos temas cardeais da fé, o que gerava muitos debates nas convenções, visto que, por acharem que as teologias institucionalizadas e formais tornariam as igrejas pentecostais “desfervorosas” em relação à sua comunhão com o Espírito Santo, iguais às igrejas protestantes históricas.

Já o movimento de superação a este *status quo* ocorre quando os missionários americanos passam a sistematizar as doutrinas cardeais da fé pentecostal no Brasil, a partir das décadas de 50 e 60, visto que estes já possuíam sólida fundamentação teológica, diferente dos suecos, que eram mais legalistas.¹³

Portanto, o presente Trabalho Final aborda a relação conflitiva entre a fé pentecostal marcada pela experiência religiosa e a educação teológica formal.

profunda, o que depois foi suprido com a chegada da missão americana que fundou os primeiros institutos bíblicos o que representou a chegada da educação teológica formal entre os pentecostais.

¹⁰ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleias de Deus: 1911-2011*. Rio de Janeiro: Diálogos, 2013. p. 109.

¹¹ De acordo com José Ozean Gomes: “Desde a gênese das Assembleias de Deus americanas houve interesse pela formação bíblico-teológica. Essa postura, de certo modo, colocava-se em situação oposta às práticas anti-intelectuais ainda comuns ao ambiente pentecostal norte-americano. Até mesmo porque o evidente anti-intelectualismo nas origens do pentecostalismo reproduziu gerações de líderes com forte suspeição à erudição acadêmica. Os líderes pentecostais norte-americanos, a partir da década de 1920 foram estabelecendo instituições de ensino que influenciaram centenas de missionários que se espalharam pelo mundo”. GOMES, José Ozean. *Educação Teológica no pentecostalismo brasileiro: a política eclesial da Assembleia de Deus com Respeito ao Ensino Formal (1943-1983)*. 2013. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, UMESP. São Bernardo do Campo, 2013. p. 72.

¹² Antes da solidificação da missão americana, alguns missionários americanos trabalharam no Brasil já a partir da década de 30, entretanto, estes eram sujeitos a missão sueca e aos pastores brasileiros. ARAUJO, 2014, p. 465-466.

¹³ **Legalismo:** É o estilo de vida de pessoas que acreditam que o cumprimento das regras torna o indivíduo merecedor do favor e da salvação divina, o que no contexto assembleiano e pentecostal, sempre foram representados pela guarda de costumes e tradições humanas, que se tornam regras em igrejas pentecostais.

Esta tensão entre a experiência religiosa e a educação teológica formal modelou o pensamento pentecostal no século XX, e gerou esta tensão, o que nos leva a refletir a pergunta central do Trabalho: “Da objeção ao reconhecimento: Conflito e Superação na Constituição da Educação Teológica Formal nas Assembleias de Deus no Brasil”.

Neste sentido, as perguntas de investigação que direcionaram o presente estudo levaram à confirmação das hipóteses de pesquisa, na medida em que contemplou o fortalecimento da Educação Teológica Formal como movimento de superação ao anti-intelectualismo pré-existente no ambiente das Assembleias de Deus; apresentou os principais reflexos sobre a Experiência Religiosa no Movimento na atualidade, em face da análise dos fatos históricos pertinentes ao surgimento do primeiro instituto bíblico das Assembleias de Deus no Brasil; por fim, corroborou a hipótese de que a estrutura construída pela Educação Teológica Formal contribuiu para o fortalecimento da Teologia Pentecostal no Brasil e para a superação do anti-intelectualismo, outrora dominante no contexto pentecostal assembleiano.

Tais perguntas de pesquisa encaminham para o foco de suas proposições teórico-práticas: O movimento de superação da objeção a Educação Teológica à construção de um projeto de Educação Teológica Formal legitimado no seio das Assembleias de Deus.

Mediante o exposto, elaborou-se a seguinte Hipótese de Pesquisa: A expansão das Assembleias de Deus no Brasil foi legitimada pela abertura à Educação Teológica Formal, em seus seminários teológicos e centros de formação.

Como objetivos geral e específicos da presente pesquisa, teve-se:

Geral:

- ✓ Descrever historicamente, como se deu o movimento desde a objeção à superação na Constituição da Educação Teológica Formal nas Assembleias de Deus no Brasil.

Específicos:

- ✓ Definir o significado atribuído à Educação Teológica Formal nas Assembleias de Deus e o modo como ela passou a ser aceita e recomendada como necessária para a formação intelectual no serviço religioso.

- ✓ Afirmar que apesar da relação dialética entre a experiência religiosa e a Educação Teológica, houve a superação desta dicotomia e a Teologia firmou-se como conhecimento válido.
- ✓ Analisar historicamente a morfologia da educação teológica como constructo para o Pentecostalismo Brasileiro.

O presente estudo busca utilizar os estudos já existentes nessa área, utilizando o conhecimento da pesquisa básica para abordar problemas qualitativos, visando relacionar o problema para daí, por meio da hipótese, apontar o caminho para se percorrer, como meio de alcançar os fins a que se propõe.

Deste modo ela segue o perfil do tipo monográfico e quanto ao nível de pesquisa pretende-se que seja descritiva, utilizando-se como procedimento a pesquisa bibliográfica, documental e de caráter qualitativo. Quanto aos objetivos pretende-se que seja exploratória e descritiva, utilizando-se como procedimento a pesquisa bibliográfica e documental, na qual são utilizados como fonte, autores de orientação teológica, tais como: Andrade, Brunelli, Champlin, Germano, Gilberto, Horton, Mazarem, Menzies, Moises, Murad, Nañez, Olson, Paulino e Pommerening; autores do campo histórico como: Araújo, Conde, Daniel, Dreher, Fischer, Pereira e Santana; e do campo sociológico temos autores tais como: Alencar, Bitun, Bourdieu, Campos, Fajardo, Freston, Gil, Gomes, Nascimento e Rosas. Portanto, estes autores e outros, constituem-se em referenciais teóricos versando acerca da história da educação teológica formal, da história do pentecostalismo, bem como de aspectos sociológicos concernentes à sua estruturação e da expansão do conhecimento teológico no âmbito das Assembleias de Deus no Brasil.

O Trabalho será organizado da seguinte forma:

Na primeira seção, a Introdução apresenta as Considerações Iniciais, a Justificativa do Tema, o Problema de Pesquisa, os Objetivos de Pesquisa, a Metodologia Geral da Pesquisa e a Estrutura do Trabalho. Já na segunda seção, o desenvolvimento relata como a Educação Teológica Formal cresceu nas Assembleias de Deus. Ainda nesta seção, relata-se a importância da criação dos institutos bíblicos e o seu reflexo como movimento de superação sobre a experiência religiosa nas Assembleias de Deus e por fim, quais foram as contribuições da educação teológica formal para as Assembleias de Deus no Brasil.

Portanto, na terceira e última seção, estão tecidas as falas finais deste autor em resposta a pesquisa elaborada no tema de pesquisa: Da Objeção ao Reconhecimento:

Conflito e Superação na Constituição da Educação Teológica Formal nas Assembleias de Deus no Brasil, onde se percebeu que de fato a educação teológica formal e a liderança das Assembleias de Deus tiveram suas querelas o que provocou muitos embates e discussões nas convenções de pastores e em especial nas comunidades assembleianas.

2 COMO A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA FORMAL PROSPEROU NO ÂMBITO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL?

Faz-se neste capítulo, uma abordagem histórica a respeito de como a Educação Teológica Formal cresceu e consolidou-se no contexto pentecostal das Assembleias de Deus no Brasil.

2.1 A chegada do Evangelho no Brasil

Descoberto por Portugal em 22 de abril de 1500, o Brasil desde os seus primórdios contou com a maciça presença colonial do catolicismo, fato este demonstrado pela primeira ação do descobridor Pedro Álvares Cabral em solo brasileiro, que foi a celebração de uma missa campal.¹⁴ Para informar a Portugal acerca do descobrimento de uma nova terra, o escrivão da armada portuguesa, Pero Vaz de Caminha, manda uma carta ao Rei Dom Manuel, “o Venturoso”, informando ao monarca que a principal coisa que se poderia fazer neste recanto do mundo seria dedicar-se à salvação dos gentios, isto é, dos índios.¹⁵

No século XVI, o Brasil era habitado por índios e os portugueses enviaram, entre outros, missionários jesuítas com o objetivo de cristianizar o povo indígena, sendo que os primeiros jesuítas chegaram ao Brasil no ano de 1553. Sob o comando do padre Manoel da Nóbrega, os jesuítas pretendiam converter os gentios e instruir o colono, de modo que a presença jesuíta foi sendo intensificada e até 1580 eles eram os responsáveis pela educação geral em terras brasileiras. De acordo com o historiador Alderi de Souza Matos:

Portanto, a descoberta e colonização do Brasil foi um empreendimento conjunto do Estado português e da Igreja Católica, no qual a coroa desempenhou o papel predominante. O estado forneceu os navios, custeou as despesas, construiu as igrejas e pagou o clero, mas também teve o direito de nomear os bispos, recolher os dízimos, aprovar documentos e interferir em quase todas as áreas da vida da igreja. Um dos primeiros representantes oficiais do governo português a visitar o Brasil foi Martim Afonso de Souza, em 1530. Três anos depois, foi implantado o sistema de capitanias hereditárias, que, todavia, não foi bem-sucedido. Diante disso, Portugal começou a nomear governadores-gerais, o primeiro dos quais foi Tomé de Sousa, que chegou em 1549 e construiu Salvador, na Bahia, a primeira capital da colônia.¹⁶

¹⁴ SANTOS, Uéllisson. *A Primeira Missa no Brasil*. 25 de Abril de 2017. Disponível em: <<http://santuário.cancaonova.com/artigos/primeira-missa-no-brasil/>>. Acesso em: 30 maio. 2017.

¹⁵ ANDRADE, Claudionor Corrêa; CONDE, Emilio. *Fundamentos Bíblicos de um autentico avivamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p. 9.

¹⁶ MATOS, Alderi de Souza. *Breve história do protestantismo no Brasil*. Vox Faifae. *Revista de Teologia da Faculdade FAIFA*. Goiânia, vol.3, n.1,p.1-26,2011. Disponível em: <<http://www.faifa.edu.br/revista/index.php/voxfai/fae/article/view/27/46>>. Acesso em: 22 maio. 2017.

Assim sendo, o crescimento do catolicismo foi enorme principalmente por meio dos jesuítas. Apenas entre os anos de 1555 e 1557 com a chegada de franceses ao nosso país é que tivemos a organização do primeiro culto evangélico em nosso país, que foi realizado no dia 10 de março de 1557.¹⁷ Ainda de acordo com Matos:

Em dezembro de 1555 chegou à baía de Guanabara uma expedição comandada por Nicolas Durand de Villegaignon. O empreendimento contou com o apoio do almirante Gaspard de Coligny (1519-1572), um simpatizante e futuro correligionário dos protestantes franceses (huguenotes). Inicialmente, Villegaignon se mostrou simpático à Reforma. Escreveu ao reformador João Calvino, em Genebra, na Suíça, pedindo pastores e colonos evangélicos para sua colônia. Uma segunda expedição chegou em 1557, trazendo um pequeno grupo de huguenotes liderados pelos pastores Pierre Richier e Guillaume Chartier. Um integrante da comitiva era Jean de Léry, que mais tarde se tornou pastor e escreveu o livro *História de uma viagem à terra do Brasil*, publicado em Paris, em 1578. No dia 10 de março de 1557 esse grupo realizou o primeiro culto protestante da história do Brasil e das Américas.¹⁸

Portanto, com a chegada dos franceses em 1555 e depois dos holandeses a partir de 1630¹⁹, a presença protestante foi se intensificando, ainda que de modo muito tímido. Com o passar do tempo criaram a sua própria igreja, nos moldes da igreja holandesa, de influência calvinista e durante os vinte e quatro anos de dominação holandesa no Nordeste foram constituídas 22 igrejas e congregações, dois presbitérios e um sínodo. As igrejas foram servidas por mais de 50 pastores. Entretanto, tempos depois, os portugueses se reorganizaram e expulsaram os holandeses do Brasil, sendo vedada a entrada de qualquer missão protestante em solo brasileiro até a chegada da família real em 1808.

2.1.1 A chegada da Família Real e a abertura à fé protestante

Com a chegada da família real portuguesa em 1808, vieram juntos muitos imigrantes ingleses, devido a relação amistosa que havia entre Portugal e Inglaterra. Estes imigrantes britânicos eram em sua grande maioria de confissão anglicana e diante da influência deles sobre Portugal, o rei Dom João VI, fez a seguinte declaração, concedendo liberdade religiosa para os britânicos, ou seja, anglicanos:

Sua alteza real, o príncipe regente de Portugal declara e se obriga no seu próprio nome e no de seus herdeiros e sucessores a que os vassallos de Sua Majestade Britânica residentes em seus Territórios e Domínios não serão perturbados, inquietados, perseguidos ou molestados por causa de sua Religião, mas, antes terão perfeita liberdade de consciência e licença pra assistirem e celebrarem o serviço divino em honra ao Todo-Poderoso Deus; quer seja dentro de suas casas particulares, quer nas particulares igrejas e Capelas que sua alteza Real, agora e para

¹⁷ ANDRADE; CONDE, 2000, p. 15.

¹⁸ MATOS, 2011.

¹⁹ MATOS, 2011.

sempre graciosamente lhes concede a permissão de edificarem e manterem dentro de seus domínios e conquistas, contanto que as sobreditas capelas sejam construídas de tal maneira que exteriormente se assemelhem a casa de habitação e também que o uso de sinos não lhes seja permitido.²⁰

Destarte, diante deste decreto, além da igreja Anglicana no século XIX as demais igrejas protestantes foram enviando missionários, além de muitos imigrantes que foram propagando a sua fé em terras brasileiras. Deste modo às igrejas históricas como a Luterana, a Batista, a Congregacional e a Presbiteriana foram se espalhando pelo país impulsionado pelos imigrantes que professavam a fé protestante.

2.2 A chegada da fé pentecostal em solo brasileiro

O pentecostalismo brasileiro surge no início do século XX a partir da chegada do missionário italiano Francescon em 1910 que funda a Congregação Cristã no Brasil, a primeira Igreja Pentecostal em solo brasileiro.

Já no ano de 1911, em Belém do Pará, é fundada a Assembleia de Deus por dois missionários suecos, mas que residiam nos Estados Unidos da América (EUA). Gunnar Vingren e Daniel Berg que trouxeram consigo a influência recebida na outra América pelo Avivamento Pentecostal da Rua Azusa²¹ e de Topeka²², locais que legitimaram a Glossolalia como distintivo principal do Pentecostalismo. De acordo com William Menzies: “Foi em Topeka, sob a orientação de Charles F. Parham, que a ligação entre o batismo no Espírito como revestimento de poder e a evidência associada das línguas foi estabelecida”.²³

2.2.1 A influência Histórica dos Movimentos de Renovação Espiritual

Fundada no início do século XX e por ser uma igreja Pentecostal, a Assembleia de Deus sofreu profunda influência dos movimentos de renovação do século XIX, do metodismo e da Teologia wesleyana. Sendo estas as raízes históricas do Pentecostalismo Moderno²⁴, provocando dessa maneira, o afastamento da tradição da Reforma Protestante. A fim de entender o caminho que foi trilhado entre a Reforma Protestante e o Movimento Pentecostal

²⁰ ANDRADE; CONDE, 2000, p. 16-17.

²¹ Foi na Rua Azusa, rua em Los Angeles, onde aconteceu o grande avivamento pentecostal de 1906. MENZIES, Robert P. *Pentecostes: essa é a nossa história*. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 2016. p. 14.

²² Em janeiro de 1901, na cidade de Topeka no estado do Kansas, nos EUA, Agnes Ozman experimentou o batismo no Espírito Santo.

²³ MENZIES, William. *No poder do Espírito: um chamado ao diálogo*. São Paulo: Editora Vida, 2002. p. 17.

²⁴ CHAVES, Pedro Jonatas da Silva. Raízes históricas do pentecostalismo moderno. *Azusa - Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, vol. 7, n. 1, p. 75-92, jan/jun. 2016. Disponível em: <<http://azusa.faculdaderefidim.edu.br/index.php/azusa/article/view/126>>. Acesso em: 22 out. 2017.

no Brasil, faz-se necessário apresentar um breve relato histórico de como as igrejas pentecostais ficaram mais conhecidas por seu fervor e vida devocional, do que pela profundidade teológica e acadêmica.

2.3 A Reforma Protestante do século XVI

No início do século 16, como efeito da teologia medieval, o monge agostiniano Martinho Lutero entendia que somente através do martírio e do sofrimento é que o homem alcançaria a salvação. Com isso, ele era terrivelmente afligido por sua consciência e se considerava o pior dos pecadores, a ponto de penitenciar-se diariamente. Contudo, durante seus estudos teológicos exaustivos, passou a compreender a justiça de Deus ao estudar Habacuque 2:4 e Romanos 1:17 “O Justo viverá da fé”. Dessa feita, Lutero passou a compreender que a salvação do homem se dá através da justificação pela graça mediante a fé e que a salvação é um ato de Deus e não do homem, como de acordo com Joachim H.Fischer:

A origem da Reforma Protestante foi a redescoberta da justificação pela graça mediante a fé. Serviu como critério para avaliar a igreja, a teologia e a sociedade da época. O parâmetro da renovação da Igreja era o cristianismo das primeiras comunidades cristãs. Esse cristianismo havia sido distorcido e sufocado, ao longo dos séculos, por inúmeras leis, prescrições e práticas humanas, não essenciais para a fé e muitas vezes abusadas para manter o controle da instituição Igreja sobre os fiéis ou para assegurar-lhe suas bases financeiras e seu poder.²⁵

Havia em Lutero um claro interesse pelo estudo e por isso: “com carinho especial insistiu na questão da educação e formação da juventude.”²⁶ No ano de 1512, Lutero se forma doutor em Teologia e em 1517, lançou uma abrangente e contundente crítica às indulgências, o que acaba desencadeando o processo que se tornará a Reforma Protestante, não com o objetivo de formar uma nova igreja, mas, com o claro objetivo de reformar a fé católica. Lutero passou a formular suas doutrinas, combateu os erros doutrinários do período e assim promoveu a Reforma Protestante a partir de 1517, fixando as 95 Teses da Fé na igreja da cidade de Wittenberg.

Lutero não precisou formular um pensamento diaconal durante a Reforma, pois o enfoque de sua doutrina já é a teologia que se consistia na libertação do homem de si próprio e da soberba, como afirmou o teólogo Leonardo Boff: “A tese básica [de Lutero] da justificação pela fé significa uma radical libertação”.²⁷

²⁵ FISCHER, Joachim. *Reforma: renovação da Igreja pelo Evangelho*. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p. 27.

²⁶ FISCHER, 2006, p. 35.

²⁷ BOFF, 1986, p. 170; cf. também p. 167 *Lutero Libertador na Igreja* e 169 *Libertação do Cativo Babilônico na Igreja apud FISCHER*, 2006, p. 26.

2.3.1 João Calvino e a sistematização da Teologia Reformada

Após o advento da Reforma e com o passar dos anos houve, necessidade de que os ensinamentos da Reforma Protestante fossem sistematizados, visto que Lutero nunca escreveu uma Teologia Sistemática.²⁸

Destarte, “os reformadores suíços dedicaram mais atenção ao organizar e sistematizar a nova Teologia Protestante”²⁹ e com o passar do tempo, João Calvino passa a se destacar como escritor, visto que era um grande expositor bíblico e muito dedicado à escrita, sendo considerado por muitos como o maior mestre da história da Igreja e o grande sistematizador da Teologia da Reforma. Calvino, com apenas 19 anos de idade, recebeu o título de doutor em Teologia, sendo que criou em Genebra uma academia teológica com cerca de 600 alunos, em pouco tempo chegou a 900 e, quando Calvino morreu, a academia estava com 1200 alunos³⁰ sendo estes provenientes, da França, Holanda, Inglaterra, da Alemanha, da Itália e da Suíça. Durante a sua vida, Calvino escreveu muitos livros, sendo as *Institutas da Religião Cristã*, a sua obra magna, o que influenciou e influencia até hoje o cristianismo, sendo esta influência, conhecida como calvinismo³¹ ou teologia reformada e que contribuiu positivamente com a história do cristianismo, além de ter contribuído com a educação, cultura, filosofia e principalmente com a Teologia.

2.3.2 A Pós-Reforma e o surgimento do Pietismo

Com o passar dos anos, houve a necessidade de uma releitura do próprio movimento da Reforma, visto que, teve crítica dos que viram como um esfriamento espiritual de algumas comunidades de fé. surge na Alemanha, no fim do século XVII, o Pietismo, que ficou conhecido como a Segunda Reforma, e, além disso, provocou mudanças na Teologia e na Igreja e não ficou restrito ao limite territorial de um país.³² Constituiu-se em proposta bastante clara, pois houve uma tentativa de ressignificar alguns “valores”, tendo como proposta a renovação espiritual da Igreja, sendo fundado por Philipp Jakob Spener, autor de uma obra que perpetuou os seus ideais: “*Pia Desideria*”, uma obra singular e que de acordo com Martin Dreher:

²⁸ OLSON, 2001, p. 407.

²⁹ OLSON, 2001, p. 407.

³⁰ GREGGERSEN, Gabriele. Perspectivas para a Educação Cristã em João Calvino. *Fides Reformata*, São Paulo, vol. 7, n. 2, p. 61-83, 2002. p. 69.

³¹ OLSON, 2001, p. 420.

³² DREHER, Martin. *Para Entender-Fundamentalismo*. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p. 15-16.

Ofereceu um programa de seis pontos para uma reforma da Igreja: 1 – estudo e discussão de toda a Bíblia, em associações paralelas ao culto da comunidade; 2 – concretização do sacerdócio de todos os crentes por meio do estudo da Bíblia, ensino, repreensão, consolo e vida santificada; 3 – exortação a clérigos e a leigos para que passem de um mero conhecimento da doutrina para uma prática de fé, 4 redução das controvérsias e debates teológicos e confessionais, passando a haver santidade de vida, 5 – reforma do estudo teológico como forma de renovação da igreja; 6 – centrar a pregação na edificação.³³

Destarte, a doutrina pietista, era voltada quase que exclusivamente para a piedade, temor a Deus, experiências místicas, e o amor ao próximo. Um dos mais notáveis pietistas fora August Hermann Francke que organizou escolas para pobres, orfanatos e uma casa publicadora.

Entretanto, com o passar do tempo, o movimento pietista começou a dar mais ênfase à experiência mística do que à Teologia, como afirmou Spener:

Não basta escutarmos a palavra apenas com os ouvidos, pois devemos deixá-la penetrar em nossos corações, para que com ela possamos escutar a voz do Espírito Santo, ou seja, com grande emoção e conforto sentir a confirmação do Espírito e o poder da palavra.³⁴

Portanto, as bases do Pietismo serviram de elemento norteador para vários movimentos de reavivamento espiritual, que vieram a contribuir com a espiritualidade da época, e também sobre as missões americanas, em especial no século XIX.³⁵

2.3.3 A Educação Teológica e o Primeiro Grande Despertamento, evento promovido pelo Puritanismo

O chamado Primeiro Grande Despertamento começou na Inglaterra, mas influenciou profundamente as colônias britânicas, em especial à Nova Inglaterra, nos Estados Unidos da América (EUA). Este movimento ficou conhecido popularmente como Puritanismo,³⁶ sendo que sua Teologia foi profundamente influenciada pelos ensinamentos de João Calvino e pelo fervor espiritual de John Knox³⁷ e dois nomes ficaram intimamente ligados a este despertar, o primeiro foi o de Jonathan Edwards (1703-1758), conhecido por muitos como o “Príncipe dos

³³ DREHER, 2006, p. 15-16.

³⁴ SPENER, Philip Jakob. *Pia Desideria*. Trad. Theodore G. Tappert. Philadelphia: Fortress, 1964. p. 36-37 *apud* OLSON, 2001, p. 492-493. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/pia-desideria>>. Acesso em: 03 nov. 2016.

³⁵ OLSON, Roger. *História da Teologia Cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Editora Vida, 2001. p. 503.

³⁶ Movimento de tradição reformada/calvinista que buscava ressignificar alguns valores do evangelho. DREHER, Martin N. *Bíblia: Suas Leituras e Interpretações na História do Cristianismo*. São Paulo: CEBI: Sinodal, 2013. p. 116.

³⁷ OLSON, 2001, p. 492-493.

Puritanos”³⁸ e o outro teólogo associado com o Primeiro Grande Despertamento foi o pregador inglês George Whitefield (1714-1770).

2.3.3.1 O Movimento de Santidade: A base do Pentecostalismo Moderno

O movimento puritano tenta reformar a Igreja da Inglaterra e acaba se dividindo em denominações: “Congregacional, Presbiteriana e Batista”³⁹ e com o passar do tempo a Inglaterra atravessa um avassalador período de crise moral que afetou principalmente a igreja no início do Século XVIII e “Sem a forte influência puritana, as igrejas anglicanas se voltaram para o racionalismo frio”⁴⁰ e é nesse contexto de vida que surge John Wesley, que juntamente com George Whitefield⁴¹ e seu irmão, Charles Wesley, fundam o “Clube dos Santos”.⁴² “Os críticos taxaram-nos de metodistas”.

Enquanto teólogo, evangelista e estudioso das Escrituras, John Wesley procurou influenciar o Cristianismo por meio de um cristianismo experiencial, mas que não perdesse sua influência bíblica e pregou insistentemente a ideia da “Segunda Bênção” que seu amigo John Fletcher (1729-1785) chamou de “batismo no Espírito Santo”, o que possivelmente foi uma das grandes influências recebidas pelo Pentecostalismo. Portanto, mesmo antes do chamado pentecostalismo moderno florescer, já havia diversas vozes provenientes dos movimentos de Santidade, que enfatizavam a doutrina do “batismo no Espírito Santo”, sendo mais tarde, e com o surgimento do movimento pentecostal no início do século XX, incorporado ainda uma terceira bênção, ou a Doutrina da Evidência Inicial do batismo no Espírito Santo, que seria o falar em línguas, ensino este formulado por Charles Parham, o pai do Pentecostalismo.⁴³

2.3.4 O Segundo Grande Despertamento, os Movimentos de Renovação Espiritual e o Anti-Intelectualismo

Com o passar do tempo, foram surgindo movimentos com fundamentação e orientação variadas e entre eles o chamado Segundo Grande Despertamento, que tinha como

³⁸ OLSON, 2001, p. 503.

³⁹ OLSON, 2001, p. 503.

⁴⁰ OLSON, 2001, p. 522.

⁴¹ OLSON, 2001, p. 522.

⁴² Esse grupo reunia-se com o propósito primordial de meditar na palavra e suas ações baseavam-se na piedade e legitimava a santificação como prática normativa de vida cristã. MURAD, Afonso *et alii*. *A Casa da Teologia: introdução ecumênica à ciência da fé*. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Editora Sinodal, 2010. p. 117.

⁴³ CHAVES, Pedro Jonatas da Silva. Raízes históricas do pentecostalismo moderno. *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, v. 7, n. 1, p. 75-92, jan. /jun. 2016.

característica o Arminianismo⁴⁴ e atingiu praticamente todas as igrejas americanas⁴⁵, sendo a ênfase deste movimento muito diferente daquela dada ao Primeiro Grande Despertamento e ao chamado “Movimento de Santidade”, pois havia uma preocupação excessiva com os resultados das campanhas evangelísticas, algo que teve o seu início com Charles Finney.⁴⁶

A mensagem pregada por Finney influenciou profundamente o evangelicalismo moderno, levando a Igreja a presenciar um crescimento numérico vertiginoso nos EUA, fato que justificou o evangelismo de massa em vários estados americanos e também a Ascensão do Movimento de Santidade que enfatizava a santificação e a separação do mundo onde dava-se uma maior ênfase à piedade pessoal às emoções, e menos ao conhecimento intelectual, o que constituiu-se na base da discussão entre o conhecimento e o fervor espiritual, visto que, muitos, por não possuírem condições intelectuais e sociais satisfatórias, também não possuíam acesso ao conhecimento e deste modo, não davam o devido valor à intelectualidade.⁴⁷

2.4 A Herança do Anti-Intelectualismo no Pentecostalismo da Igreja da Missão da Fé Apostólica na Rua Azusa e sua Influência sobre o Pentecostalismo Brasileiro

Entre os pentecostais, havia de modo muito presente, a prática do anti-intelectualismo, sendo que este sentimento ganhou maior legitimidade a partir do século XIX, como de acordo com o relato de Nañez:

No início de 1800, muitas igrejas dos EUA começaram a experimentar uma mudança radical. Por várias vezes, tal mudança começou a separar o coração da inteligência, a fé da razão, a experiência da lógica, a crença da reflexão e o intelecto da emoção. Em poucas palavras, a mente e o espírito foram colocado um contra o outro, como inimigos mortais [...] Durante as fases de formação da “religião renovada” da América (1800-1850), muitos entre as massas religiosas criticaram severamente as ciências como uma adversária da fé e da Bíblia. A arte pura do pensamento crítico foi reclassificada como “pensamento negativo”, e este, inserido na mesma categoria da crítica ateísta das Escrituras. A inteligência dada por Deus

⁴⁴ Sistema teológico desenvolvido com base nos estudos de Jacob Arminius e que enfatizava o livre arbítrio. HORTON, Stanley M. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 1999. p. 54.

⁴⁵ CHAVES, Pedro Jonatas da Silva. *Raízes históricas do pentecostalismo moderno*. *Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, v. 7, n. 1, p.75-92, jan/jun. 2016.

⁴⁶ Finney foi um pregador americano e considerado o pai do reavivalismo evangélico moderno, e suas crenças e métodos ainda regulam muito da pregação em nossos dias. HORTON, 1999, p. 13.

⁴⁷ O início do anti-intelectualismo no Protestantismo começou com os exageros dos chamados Pregadores Avivalistas do século XIX, nos primórdios do evangelicalismo. O problema do Reavivamento nos EUA é que eles exageraram no aspecto emocional do Cristianismo. Reagindo contra a apatia devocional de suas congregações, muitos crentes do século XIX caíram em outro extremo: o desprezo pela intelectualidade, o que conferiu legitimidade a influência do Anti-Intelectualismo sobre o Pentecostalismo Moderno. NAÑEZ, 2007, p. 166-174.

foi imprecisamente considerada a “deusa razão” e por isso redefinida como inimiga da fé.⁴⁸

Portanto, o anti-intelectualismo foi algo muito presente e evidenciado no cotidiano diário dos principais grupos pentecostais e dentro deste contexto em que imperava o Anti-Intelectualismo, é que a partir do século XIX, o Movimento Pentecostal foi sendo legitimado como fruto dos movimentos de renovação nos EUA, que valorizavam mais a piedade e a busca pela Santificação, visto que consideravam o Ensino Teológico como algo desnecessário para a vida cristã.

Entretanto, mesmo que dentro dos Movimentos de Renovação houvesse a influência do anti-intelectualismo, o Movimento Pentecostal americano nasceu em uma Escola Bíblica, dirigida por Charles Parham, o qual, após as aulas, buscava a Deus em oração junto com seus alunos. Entre os alunos mais ilustres estava Seymour, o pregador do Movimento Pentecostal da Rua Azusa em 1906, na chamada Igreja da Fé Apostólica, que deu origem ao Movimento Pentecostal no mundo e que influenciou os jovens Daniel Berg e Gunnar Vingren, os quais trouxeram o Movimento para o Brasil.

O Pentecostalismo difundido pelo Movimento da Rua Azusa enfatizou a obra do Espírito e desvalorizou a educação formal, conforme relatado no jornal mensal do movimento:⁴⁹

O Senhor concedeu línguas para os sem instrução acadêmica, como grego, latim e hebraico. Não sejam confundidos pela teorização, mas permaneçam em Jerusalém [...]. Ele revelará toda a palavra, de Gênesis a Apocalipse.⁵⁰

Entretanto, mesmo com toda a aversão ao conhecimento teológico no Brasil, nos Estados Unidos, desde que foram fundadas em 1914, as Assembleias de Deus americanas seguiram um caminho diferente do avivamento da Rua Azusa e incentivaram o conhecimento teológico, visto que de acordo com Willian Menzies, os Institutos Bíblicos contribuíram e muito para o desenvolvimento das Assembleias de Deus nos EUA e em vários países: “Um instrumento de princípios empregado com grande eficiência no desenvolvimento rápido das igrejas nacionais foi o Instituto Bíblico”.⁵¹

⁴⁸ NAÑEZ, 2007 *apud* Bitun, Ricardo. *Formação teológico-pastoral na tradição das Assembleias de Deus: experiências, ênfases e desafios*. Disponível em: <<http://www.bibliotekevirtual.org/revistas/Methodista-SP/CAMINHANDO/v14n02/v14n02a04.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

⁴⁹ Apostolic Faith: “O Jornal “*A Fé Apostólica*” tornou-se um veículo de divulgação da experiência pentecostal, enviado mensalmente a mais de 80.000 residências”. Educação Teológica no pentecostalismo brasileiro: a política eclesial da Assembleia de Deus com Respeito ao Ensino Formal (1943-1983). São Paulo: Fonte Editorial, 2013, p. 59.

⁵⁰ SEYMOUR, Apostolic Faith, setembro de 1906, p. 1-4 *apud* GOMES, 2013, p. 58-59.

⁵¹ MENZIES, Wilian. *No poder do Espírito: um chamado ao diálogo*. São Paulo: Editora Vida, 2002. p. 33.

Apesar deste incentivo nas ADs dos EUA, havia muitos líderes da própria AD norte-americana que não incentivavam o conhecimento teológico, fato este ilustrado pelo teólogo americano Stanley M. Horton, um dos principais expoentes da história da Teologia Pentecostal dos EUA:

O Dr. Burton Goddard, que me ensinou hebraico no Gordon (Seminário Teológico Gordon-Conwell), incentivou-me a ir para Harvard fazer doutorado em Antigo Testamento. Ele também me ajudou a conseguir uma excelente bolsa de estudos. Quando contei ao irmão Smuland, meu superintendente distrital, que eu estava agradecido a Deus pela bolsa de estudos, ele retrucou: - A Deus ou ao diabo?⁵²

No entanto, apesar deste e de outros muitos fatos ocorridos na aurora da AD Norte-Americana, houve sim nos E.U.A, maior incentivo à Educação Teológica Formal, principalmente pelo fato de que no ano de 1920⁵³, apenas seis anos após a fundação da AD dos EUA⁵⁴, foi fundado o primeiro Instituto Teológico da denominação naquele país, diferentemente do Brasil, onde a Igreja foi fundada em 1911, mas, somente em 1958, após 47 anos de fundação e com muitos embates, é fundado o IBAD, o primeiro Instituto Bíblico das ADs no Brasil, que por influência da Missão Sueca, não recebeu o apoio necessário da liderança pentecostal brasileira.

2.4.1 A Missão Sueca e as Primeiras Décadas do Movimento Pentecostal no Brasil

A aurora do Movimento Pentecostal no Brasil, teve sua origem nos EUA, mais precisamente na cidade de Chicago, local onde em 1909, uma Convenção de pastores batistas aceitou a mensagem de Renovação Espiritual e foi nesta reunião que Gunnar Vingren e Daniel Berg se conheceram, ambos vindos da Suécia.⁵⁵ Movidos pelo sentimento que permeava a mensagem de Renovação, Gunnar Vingren, pastor Batista em South Bend e recém-formado em Teologia, juntamente com Daniel Berg, começaram a intensificar sua amizade e durante um culto de oração, receberam a chamada de Deus para ir ao Pará⁵⁶ e assim os missionários suecos despediram-se da igreja em Chicago e partiram para o Brasil.⁵⁷

Fundada pelos missionários Gunnar Vingren e Daniel Berg em 18 de junho de 1911 na cidade de Belém, capital do Estado do Pará, a AD foi chamada primeiramente de Missão da Fé Apostólica, sendo que somente em 1918 o nome da igreja foi alterado para Assembleia

⁵² HORTON, Stanley M. *O Avivamento Pentecostal*. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2001. p. 32-33.

⁵³ **1920:** Ano de fundação da “Vanguard University”, a primeira instituição de ensino teológico da AD dos EUA. GOMES, 2013, p. 103.

⁵⁴ **1914:** Ano de fundação da AD dos EUA. HORTON, 1999, p. 21.

⁵⁵ ANDRADE; CONDE, 2000, p. 23.

⁵⁶ ANDRADE; CONDE, 2000, p. 23-24.

⁵⁷ ANDRADE; CONDE, 2000, p. 24.

de Deus, que, nos EUA, foi fundada em 1914. Primeiramente, Gunnar Vingren e Daniel Berg congregaram na primeira Igreja Batista de Belém, mas, por enfatizarem a experiência pentecostal⁵⁸ foram incompreendidos e saíram⁵⁹ dessa igreja, dando início as Assembleias de Deus no Brasil.

Nas primeiras quatro décadas em solo brasileiro, as ADs foram comandadas, não somente por seus fundadores, mas por pastores suecos, enviados pela missão daquele país, que, naquele momento, enfrentava dificuldades financeiras. Fato que incentivou a imigração sueca para os EUA a partir de 1870. É nesse contexto que muitos missionários vieram para a América do Norte.

Destarte, como consequência do Movimento Pentecostal da Rua Azusa, os missionários suecos, apoiados pela missão de seu país, chegaram ao Brasil, em especial à Região Norte e legitimaram suas ações sob uma perspectiva sueco-nordestina, sendo comandada pelos suecos, mas crescendo em solo nortista, principalmente no Nordeste.⁶⁰

Freston faz também importante análise acerca da implantação do movimento por parte da missão sueca:

[...] a AD foi produto do esforço missionário de um grupo pequeno e marginalizado de um país ainda relativamente pobre. Os missionários não tiveram condições de inundar a igreja com dinheiro, criando instituições poderosas que permanecessem nas suas próprias mãos ou que se tornassem palco de brigas internas. Forçosamente, suas vidas pessoais foram marcadas pela simplicidade, um exemplo que ajudou a primeira geração de líderes brasileiros a ligar pouco para a ascensão econômica. Assim o ethos da AD evitou um aburguesamento precoce que antecipasse as condições oferecidas pela própria sociedade brasileira aos membros da igreja.⁶¹

Durante a aurora do movimento pentecostal no Brasil, o papel dos primeiros missionários foi singular, como afirma o sociólogo Gedeon Alencar:

Nos atos dos apóstolos, o Evangelho só deixou Jerusalém, levado por pessoas comuns e anônimas, depois que começaram as perseguições. E aconteceu algo parecido com o pentecostalismo no Brasil. Por causa da crise da borracha, entre os

⁵⁸ Primeiramente, Gunnar Vingren e Daniel Berg congregaram na primeira Igreja Batista de Belém, que estava sob liderança de um pastor sueco, e por crerem na experiência do Batismo com o Espírito Santo, houve muitos embates e quando no dia 8 de junho de 1911, a irmã Celina Albuquerque, membro da Igreja Batista, recebe a experiência pentecostal visto que por enfatizarem a experiência pentecostal foram incompreendidos e saíram desta igreja, juntamente com dezenove irmãos, dando início ao maior movimento de Renovação da história de nosso País. ANDRADE; CONDE, 2000, p. 23.

⁵⁹ De acordo com a professora Isabel Cristina Veiga Mello, estes irmãos foram expulsos da Igreja Batista. MELLO, Isabel. As relações de poder no pentecostalismo brasileiro: uma identidade forjada no calor de sua história. *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, v. 1, n. 1, p. 63-82, jul. 2010. p. 67.

⁶⁰ FAJARDO, Maxwell. *Onde a luta se travar: uma história das Assembleias de Deus no Brasil*. Curitiba: editora Primas, 2016. p. 23-24.

⁶¹ FRESTON, 1993, p. 23.

anos de 1915 e 1920, mais de 200 mil seringueiros retornaram às cidades de origem, no sul e sudeste. Foram os evangelistas os responsáveis pela rápida expansão.⁶²

2.4.2 Educação Teológica: Rejeitada pela Missão Sueca, mas incentivada pela Missão Americana

Como fruto dos estudos realizados e das vivências do contexto teológico⁶³ da Igreja Oficial Sueca e das condições econômicas e sociais daquele país⁶⁴, com exceção da família Vingren e de vozes isoladas, nas primeiras quatro décadas do Pentecostalismo no Brasil, não houve incentivo à implantação da Educação Teológica Formal, mas, sim objeção, pois, por compreenderem baseados em interpretação literalista de textos bíblicos, que: “o muito estudar poderia sufocar a espiritualidade.”

Em artigo publicado em 1937, no jornal Mensageiro da Paz, afirma-se:

Os teólogos são espiritualmente secos [...] enquanto esses teóricos escavam e encontram papéis, o crente simples, nas suas escavações (de joelhos dobrados) encontra água viva, com abundância. Um acha a palavra que mata outro o Espírito que vivifica.⁶⁵

Enfim, com o passar das décadas, foram chegando os primeiros missionários americanos e esses possuíam grande apreço pela educação teológica formal, diferentemente dos suecos, que não nutriam muito apreço pela Educação Teológica Formal e preferiam investir em Escolas Bíblicas para Obreiros (EBO)⁶⁶, com duração de no máximo quinze dias; portanto, não investiram em cursos de longa duração, como os oferecidos, posteriormente, pelos Institutos Bíblicos, sendo a primeira realizada no ano de 1922.⁶⁷ Paul Freston observa que:

Os suecos eram contra qualquer seminário, porque eles acreditavam que não havia necessidade de erudição para o pastorado, visto que eles conheciam uma igreja protestante oficial – a luterana – que era muito erudita, mas que na ótica deles havia

⁶² COUTO, Marcos Stefano. A Assembleia de Deus e o século do Espírito. *Revista Eclésia*, São Paulo, ano. 15, n. 149, p. 36-47, 2011.

⁶³ “As igrejas que tinham uma postura teológica conservadora reservaram sérias desconfianças quanto ao estudo aprofundado da teologia”. FRESTON, 1993 apud GOMES, 2013, p. 63.

⁶⁴ Segundo Paul Freston: “[...] nesse período mais de um milhão de suecos emigraram para os Estados Unidos. Outro número expressivo de suecos mudaram-se para os países vizinhos, alguns até mesmo para a América do Sul, especialmente para o Brasil (Oliveira, 1952).” (FRESTON, 1996, p.78 apud GOMES, 2013, p. 63.

⁶⁵ MENSAGEIRO DA PAZ, 15/08/1937 apud GOMES, 2013, p. 88.

⁶⁶ “A realização de Escolas Bíblicas na década de 1920 era um esforço enorme, tendo em vista as condições econômicas, as condições de transporte, o nível de escolaridade; tudo isso aponta para um imenso esforço para superar as condições precárias da época”. POMMERENING, 2015, p. 57.

⁶⁷ POMMERENING, 2015, p. 23.

traído o evangelho, havia se mesclado com a alta cultura e vendido seu compromisso com o Evangelho.⁶⁸

Com esse discurso, os missionários suecos desaconselhavam e praticamente proibiam qualquer obreiro ou membro que demonstrasse interesse nos estudos de Teologia, pois eles tinham medo que as ADs se tornassem uma igreja formal, dominada pelo liberalismo teológico tendo como base o academicismo, que de acordo com os primeiros pentecostais levaram algumas igrejas históricas a secularizar-se. Afirma Claiton Pommerening:

O apego à teoria de que não era necessário estudar sempre fez parte da maioria dos movimentos pentecostais, bem como em alguns casos, também dos movimentos sensacionalistas que apelavam mais à emotividade, surgidos nos séculos XVIII e XIX, ideia esta geralmente difundida por seus líderes, pois se acreditava que o estudo extingiria o agir do Espírito. Tais líderes influenciaram o pensamento pentecostal sobre a não importância dos estudos e levaram a um anti-intelectualismo.⁶⁹

Tais pastores afirmavam categoricamente que a revelação experiencial era mais importante do que o estudo equilibrado das escrituras.

Entretanto, esse discurso com o passar do tempo começou a esboroar-se, pois a falta de cursos formais em Teologia trazia uma série de dificuldades hermenêuticas.⁷⁰

2.5 A Escola Dominical e a Manutenção Doutrinária da Igreja

Desde a sua fundação em 1911, houve a preocupação com o ensino da palavra, e, por mais que houvesse resistência ao Ensino Teológico Formal nas Assembleias de Deus, não houve uma aversão ao ensino da Bíblia, já que, por meio dos periódicos, as Assembleias de Deus perpetuavam suas doutrinas por meio da orientação doutrinária dos primeiros missionários suecos e deste modo, as crenças do pentecostalismo eram legitimadas por meio do “Cremos”⁷¹, sendo que nas primeiras quatro décadas a voz da Teologia Assembleiana era legitimada por meio dos artigos escritos nos jornais *Boa Semente*, *Som Alegre e Mensageiro da Paz*, e nas Lições Bíblicas, o que legitimou a criação das lições de Escola Bíblica Dominical, curso bíblico, ministrado através de lições comentadas por pastores ou professores e que nas primeiras quatro décadas, basicamente, foram comentadas pelos pastores suecos:

⁶⁸ FRESTON, 1993, p. 23.

⁶⁹ POMMERENING, 2013, p. 66

⁷⁰ Pode-se dizer, que analisando historicamente o contexto pré-IBAD é fortemente integrado ao empirismo; logo que se vê no contexto pós-IBAD é na verdade uma tentativa de se organizar essas experiências, antes frouxas e analisá-las a partir daí de modo sistemático e organizado, e que gerou inclusive a preocupação com a apologia, como relata Araújo “Se os escandinavos fizeram um bom trabalho de base e de estabelecimento da identidade pentecostal, os norte-americanos fizeram um bom trabalho preventivo em relação a modismos”. ARAUJO, 2014, p. 561.

⁷¹ Credo doutrinário das Assembleias de Deus que segue no anexo 5.

“Gunnar Vingren, Frida Vingren, Samuel Nystron, Nils Kasterg, Otto Nelson, Nels Nelson e Joel Carson”⁷², sendo as lições de caráter bíblico e devocional. Portanto, como nos relata Brunelli⁷³, a revista de Escola Dominical é sem dúvida, o órgão de maior influência na formação e manutenção doutrinária da igreja.

Enfim, por meio da EBD, os alunos estudavam temas específicos, sendo a *Lição Bíblica*, responsável pela unidade teológica da igreja, visto que, cada pastor local possui autonomia na pregação, portanto a lição gerava e continua gerando uniformidade na mensagem, como nos informa o sociólogo Gedeon Alencar:

Mas o que realmente contribuiu para a unidade doutrinária da AD foi a EBD - Escola Bíblica Dominical. Em todos os lugares em que a AD ia se formando também se estabelecia, dominicalmente, uma reunião de estudo bíblico para todos os membros. Ou seja, num dado domingo, em todo o Brasil, todos os membros desta nascente igreja estavam estudando o mesmo assunto, dentro da mesma visão. Nem a divisão da igreja em Ministérios lhe tirou esta unanimidade. A primeira publicação nacional dissidente só aparece com o desligamento do Ministério de Madureira, em 1988. As revistas de EBD surgem, como encarte, no jornal Boa Semente, em 1928; portanto, durante sessenta anos o ensino bíblico da AD era um só.⁷⁴

Portanto, a Escola Dominical contribuiu de modo eficaz para a solidificação doutrinal das Assembleias de Deus, formando Líderes, Obreiros, Pregadores e Ensinadores.

2.6 A Relação Conflitiva Entre a Educação Teológica Formal e a Experiência Religiosa nas Assembleias de Deus

Os primeiros líderes do Pentecostalismo brasileiro acreditavam piamente que Teologias Institucionalizadas tornariam as igrejas pentecostais “desfervorosas” em relação à sua comunhão com o Espírito Santo, iguais às igrejas históricas.

De acordo com o pastor e educador pentecostal Altair Germano:

Com a perspectiva escandinava de formação de obreiros, a ideia da criação de institutos bíblicos para a educação teológica formal nas Assembleias de Deus só começou a ser discutida após a chegada dos primeiros missionários norte-americanos, entre os anos 30 e 40. Os missionários norte-americanos, diferentemente dos escandinavos, optavam pela criação de institutos bíblicos, caracterizados pelo ensino formal das Escrituras, através de cursos de longa duração. Nos EUA, era comum o fato de um obreiro precisar se submeter, antes da sua ordenação, a um preparo médio de quatro anos em um instituto bíblico. Quando chegou ao Brasil o missionário John Peter Kolenda, foi um dos missionários americanos que mais se dedicou à implantação de um instituto bíblico e antes da implantação do IBAD, a primeira tentativa para a implantação de um curso teológico

⁷² ARAUJO, 2014, p. 557-562.

⁷³ BRUNELLI, Walter. *Teologia para pentecostais: uma teologia sistemática expandida*. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2016. p. 399.

⁷⁴ ALENCAR, 2013, p. 132.

formal, foi no estado de Santa Catarina, no entanto por falta de apoio dos pastores da convenção catarinense, e de muita incompreensão, o seminário não foi implantado e o missionário J P Kolenda retornou para os Estados Unidos. No entanto, um dos motivos para a não implantação do curso, fora alguns sonhos pejorativos que alguns pastores haviam tido, com o missionário norte-americano, na verdade, estes pastores não suportavam a ideia de um instituto bíblico e desta feita, sonhavam sonhos espiritualistas e acabavam espiritualizando estas situações e assim acaba a experiência sendo superior a palavra.⁷⁵

Entretanto, mesmo com a chegada dos americanos, este assunto ainda era considerado “tabu” e gerava muitos embates e desgastes. Um dos primeiros a tentar lutar contra esta tendência na década de 60, foi o poeta e teólogo pentecostal Joanyr de Oliveira.

De acordo com o pastor Isael de Araújo, acerca da luta do pastor Joanyr de Oliveira:

Ele foi um dos que, por meio de A Seara, empunhou a bandeira do ensino teológico nas Assembleias de Deus, sempre encontrando barreiras intransponíveis. Os atritos aumentaram quando Joanyr propôs a criação de institutos bíblicos, porém Emilio Conde, que dirigia o jornal Mensageiro da Paz e identificado com os conservadores, acatou a determinação para que o jornal sequer mencionasse a expressão Instituto bíblico.⁷⁶

Ao longo das primeiras décadas, houve muita tensão entre os líderes das Assembleias de Deus, que gerou um conflito entre aqueles que gostam de Teologia e a Liderança do Movimento Pentecostal, como nos relata Araújo:

Nas visitas que o pastor Paulo Leivas Macalão, líder da AD de Madureira, fazia a sua residência em Brasília, Joanyr aproveitava a ocasião para falar sobre a necessidade de investir em educação teológica. Mas ao sugerir essa discussão, Joanyr pregava no deserto. Depois de insistir por três anos consecutivos, Joanyr obteve boa receptividade de Macalão ao propor a discussão sobre instituto bíblico.⁷⁷

Entretanto, houve uma mudança de mentalidade nas Assembleias de Deus, visto que, com o passar das décadas, começaram a vir também para o Brasil os missionários americanos⁷⁸ e estes tinham como mister apoiar o conhecimento teológico, o que gerou a promoção do diálogo entre a educação teológica formal e a experiência religiosa.

⁷⁵ GERMANO, Altair. *A Educação Teológica nas Assembleias de Deus no Brasil: resistência e ascensão* (1). Disponível em: <<http://www.altairgermano.net/2010/08/educacao-teologica-nas-assembleias-de.html>>. Acesso em: 29 ago. 2015.

⁷⁶ ARAUJO, 2014, p. 525-527.

⁷⁷ ARAUJO, 2014, p. 525-526.

⁷⁸ De acordo com José Ozean Gomes: “Desde a gênese das Assembleias de Deus americanas houve interesse pela formação bíblico-teológica. Essa postura, de certo modo, colocava-se em situação oposta à práticas anti-intelectuais ainda comuns ao ambiente pentecostal norte-americano. Até mesmo porque o evidente anti-intelectualismo nas origens do pentecostalismo reproduziu gerações de líderes com forte suspeição à erudição acadêmica. Os líderes pentecostais norte-americanos, a partir da década de 1920 foram estabelecendo instituições de ensino que influenciaram centenas de missionários que se espalharam pelo mundo”. GOMES, José Ozean. *Educação Teológica no pentecostalismo brasileiro: a política eclesial da Assembleia de Deus com Respeito ao Ensino Formal (1943-1983)*. 2013. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, UMEP. São Bernardo do Campo, 2013. p. 72.

2.7 Considerações

Nas últimas décadas as Assembleias de Deus abriram-se ao conhecimento teológico, de modo que, mesmo dentro de seus arraiais eclesiais, ainda haja alguma resistência, principalmente por aqueles que advogam mais a importância da experiência religiosa do que a importância da educação teológica formal, pois, se valorizou demasiadamente a experiência religiosa. Entretanto, neste capítulo, apresenta-se como a chegada da missão americana foi contributa para a aceitação da Educação Teológica Formal, visto que, diferentemente dos primeiros missionários suecos, que não muniam muito apreço pela educação teológica formal a chegada dos primeiros missionários americanos, contribuiu muito para que a educação teológica formal deixasse de ser marginalizada e o modo como ela passou a ser aceita e recomendada no sentido de mostrar-se necessária à formação de um ministro pentecostal.

3 PRINCIPAIS REFLEXOS DO SURGIMENTO DO PRIMEIRO INSTITUTO BÍBLICO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL SOBRE A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA PENTECOSTAL

Faz-se neste capítulo, uma abordagem acerca da criação dos primeiros institutos bíblicos e o seu reflexo sobre a liderança das Assembleias de Deus no Brasil, bem como do movimento de superação realizado pela Educação Teológica sobre o Anti-Intelectualismo pré-existente no Pentecostalismo brasileiro.

3.1 O pentecostalismo e os seus desdobramentos históricos e teológicos

O Pentecostalismo teve a sua aurora no Brasil a partir da chegada do missionário italiano Francescon em 1910 na cidade de São Paulo, onde funda a Congregação Cristã no Brasil, a primeira Igreja Pentecostal em solo brasileiro e no ano de 1911. Com a chegada dos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg em Belém do Pará, local onde é fundada a Assembleia de Deus no Brasil, este movimento ficou conhecido como Primeira Onda ou Pentecostalismo Clássico.

A chamada Primeira Onda do Pentecostalismo basicamente foi representada pelas Assembleias de Deus e pela Congregação Cristã no Brasil. Este movimento teve como ênfase principal, o Batismo com o Espírito Santo, o falar em línguas⁷⁹, o derramamento dos dons espirituais e o afastamento do mundo.

Desde o início do Pentecostalismo no Brasil, não houve o devido interesse pelo tema Instituto Bíblico, até porque a influência que legitimava a ação do Pentecostalismo⁸⁰ no Brasil é a Ação Carismática, onde há muita ênfase para os Dons Espirituais e pouco para o

⁷⁹ A glossolalia é conhecida, no movimento pentecostal, como o dom de línguas, entendido como evidência (primeira) do Batismo com o Espírito Santo. OLIVEIRA, Raimundo. *A Doutrina Pentecostal Hoje*. 1983. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 1983. p. 45-46.

⁸⁰ De acordo com Bitun: “O chamado pentecostalismo moderno no Brasil se dá com a vinda dos primeiros missionários pentecostais, no início do século XX, que formariam mais tarde duas das grandes denominações pentecostais: a Congregação Cristã no Brasil (1910) e as Assembleias de Deus (1911). Este pentecostalismo, que inclui as Assembleias de Deus, é denominado pelos cientistas da religião como pentecostalismo clássico, por categorizarem forte acento na necessidade do Batismo no Espírito Santo e rígido afastamento dos padrões de conduta socialmente estabelecidos. Esses acentos do pentecostalismo clássico os diferenciam do neopentecostalismo formado a partir das décadas de 70 e 80, com igrejas como a Universal do Reino de Deus (IURD), a Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), e, mais recentemente, a Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), entre outras”. BITUN, Ricardo. *Formação teológico-pastoral na tradição das Assembleias de Deus: experiências, ênfases e desafios*. Disponível em: <<http://www.bibliotekevirtual.org/revistas/Methodista-SP/CAMINHANDO/v14n02/v14n02a04.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

Conhecimento Teológico. Analisando as chamadas três ondas⁸¹ do Movimento Pentecostal no Brasil, assim como classifica Paul Freston⁸², fica evidente que em nenhuma destas fases houve uma ênfase à Educação Teológica Formal, porém valorizou-se demasiadamente o aspecto profético, o que acabou por ensejar o uso de outros mecanismos para a formação bíblico-teológica, seja de membros, seja de obreiros.

Destarte, a Educação Teológica Formal foi alvo de inúmeras críticas no decorrer da história das Assembleias de Deus, sendo esta prática a consequência direta do Anti-Intellectualismo, marca do Reavivamento Americano que gerou embates⁸³ entre a Educação Teológica Formal e a Experiência Religiosa, o que confere legitimidade na compreensão do porquê no meio pentecostal, muitos líderes preferem a Teologia devocional à Teologia acadêmica.

3.2 As Primeiras Tentativas para a Fundação de um Instituto Bíblico

Nas primeiras décadas do Movimento Pentecostal no Brasil, se desencorajava a educação teológica formal, visto que havia a desconfiança de que tanto a Educação como a Teologia, poderiam sufocar o fervor espiritual.⁸⁴ Portanto, além de se desencorajar a educação geral, os pentecostais muniam maior afinidade com a “cultura oral, desvinculada do sistema escolar”⁸⁵, o que gerou muita aversão à criação do primeiro Instituto Bíblico, fundado apenas 47 anos após a fundação da AD no Brasil.

De acordo com Gomes:

João Kolenda Lemos, um líder assembleiano, contemporâneo de alguns dos pioneiros suecos e americanos, narra em um vídeo institucional do Instituto Bíblico das Assembleias de Deus a desconfiança que pairava nas igrejas pentecostais por volta de 1930. Segundo ele, quando ainda jovem, manifestou interesse de concluir o ginásio e o seu então líder o ameaçou de exclusão, caso insistisse em sua intenção de concluir os estudos.⁸⁶

De acordo com Pommerening, as primeiras tentativas para a implantação de um instituto bíblico em solo brasileiro foram realizadas no Estado de Santa Catarina, sob o

⁸¹ Terminologia acadêmica que de acordo com Rosas: “Ricardo Mariano, pautado na classificação de Paul Freston divide o desenvolvimento do pentecostalismo no Brasil em três ondas”: ROSAS, Nina Gabriela. *O Desenvolvimento do Neopentecostalismo brasileiro: esboços sobre a positividade da experiência religiosa nos dias de hoje*. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/wpcontent/uploads/2013/01/art_ROSAS_neopentecostalismo.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2017.

⁸² FRESTON, 1993, p. 64-112.

⁸³ POMMERENING, 2013, p. 69.

⁸⁴ GOMES, 2013, p. 63.

⁸⁵ CAMPOS, 1996, p. 106.

⁸⁶ GOMES, 2013, p. 85.

esforço de John Peter Kolenda (conhecido como JP Kolenda). Inicialmente, o seminário seria instalado nas cidades de Brusque ou Joinville, mas essa tentativa acabou por ser frustrada pela rejeição veemente dos pastores catarinenses contra tal implantação, como afirma o pastor e professor Ismael dos Santos: “Kolenda chegou mesmo a pensar em fundar em Santa Catarina um instituto bíblico das Assembleias de Deus, seria o primeiro do Brasil. Infelizmente, naquela época, parte da liderança ainda não estava preparada para isto.”⁸⁷

Para muitos líderes da convenção catarinense, essa instituição de ensino teológico formal fatalmente iria sufocar a espiritualidade desses pastores, o que foi materializado por meio de “sonhos espiritualizantes.”⁸⁸

3.3 Da Objeção ao Reconhecimento: Quais foram os acontecimentos que legitimaram a fundação do Primeiro Instituto Bíblico

Ao longo da história do cristianismo, o conflito entre razão e sentimento apresentou-se com frequência em muitos momentos, e, na história do Movimento Pentecostal no Brasil, não foi diferente. Portanto, desde a fundação das Assembleias de Deus no Brasil, houve uma tensão entre a Educação Teológica Formal e a Experiência Religiosa, marcada pela influência sueca. Os missionários escandinavos deixaram muitas marcas, dentre elas, a visão de uma educação que contemplava a EBOS⁸⁹ em contraponto a Educação Teológica Formal. Tal opinião chega a ser controversa, pois mesmo que apoiasse o estudo na Escola Bíblica, a liderança assembleiana demonstrava total repúdio ao conhecimento teológico: “Pois temiam que o treinamento em institutos bíblicos levasse os obreiros brasileiros a dependerem do seu conhecimento e capacidade intelectual, ao invés de confiarem unicamente na direção do Espírito Santo e na palavra de Deus.”⁹⁰

De acordo com o pastor e teólogo inglês Donald Gee:

Houve pioneiros rijos que não estudaram em Escola Bíblicas, mas que faziam um bom trabalho para Deus. Alguns deles eram realmente “homens sem letras e indoutos” no sentido literal da palavra. Temos de frisar, contudo, que eram homens de grande e forte inteligência e capacidade natural. Ainda mais, o batismo no

⁸⁷ SANTOS, Ismael. *Raízes da nossa Fé*. Blumenau: Editora Letra Viva, 2016. p. 72-73.

⁸⁸ POMMERENING, 2013, p. 73.

⁸⁹ A Escola Bíblica para Obreiros, foi o modelo adotado por estes missionários. Tratava-se de um curso realizado em lugares estratégicos, com duração de 15 dias e temas práticos para o exercício do chamado pastoral. O conteúdo versado era de caráter mais devocional e prático, em que se objetivava mais a formação prática e do cotidiano pastoral, entretanto, faltava a exposição de uma teologia mais profunda, circunstância suprida com a chegada da missão americana que fundou os primeiros institutos bíblicos, representando, portanto, o advento da educação teológica formal entre os pentecostais. (ARAUJO, 2013)

⁹⁰ BRENDA, 1984, p. 19.

Espírito Santo deu-lhes um amor apaixonado pela Bíblia. [...] Eram homens excepcionais, fazendo uma obra excepcional.⁹¹

Nas primeiras cinco décadas, as Assembleias de Deus do Brasil alcançaram com o empenho dos obreiros brasileiros e com o apoio da missão sueca, um crescimento vertiginoso, sendo que, no início da década de 50, a AD possuía 120 mil membros.⁹² Entretanto, a Igreja precisava se adequar a uma nova realidade, visto que, quando foi fundada em 1911, praticamente não haviam igrejas que pregavam a mensagem pentecostal; no entanto, já a partir da década de 50, se vive outra realidade, o que também reflete as mudanças sociais ocorridas no Brasil:

Os anos posteriores às guerras mundiais apresentaram transformações sociais e geográficas do Brasil. O impacto da urbanização e a formação de uma sociedade de massa criaram novos hábitos e desafios às comunidades religiosas. Esse foi um tempo que possibilitou melhores condições culturais e econômicas. Diante desses cenários, a AD viu-se obrigada a reorganizar-se para as novas demandas.⁹³

Portanto, diante de tantas mudanças por quais passava a sociedade brasileira, a partir da década de 50, o assunto Educação Teológica foi ganhando mais força e tornou-se cada vez mais difícil ignorá-lo⁹⁴, principalmente após a chegada dos missionários norte-americanos, e a diminuição da influência dos pastores suecos junto à igreja brasileira⁹⁵, a fundação da CPAD e a ascensão de pastores brasileiros que apoiavam a educação teológica formal⁹⁶, sendo estes, os principais acontecimentos, que contribuíram para a abertura do IBAD em 1958, o primeiro instituto bíblico pentecostal em solo brasileiro e como consequência disso, a superação da objeção histórica à educação teológica formal.

Segundo o pastor e educador pentecostal Altair Germano:

Rompendo com a tradição escandinava, e a contragosto da Convenção Geral, os missionários João Kolenda Lemos (sobrinho de J. P. Kolenda) e sua esposa, Ruth Doris Lemos, fundam no dia 15 de outubro de 1958, na cidade de Pindamonhangaba-SP, o IBAD (Instituto Bíblico das Assembleias de Deus). Dois anos após a criação do IBAD, seguindo na mesma direção, o missionário norte-americano Lawrence Olson, auxiliado pelo pastor Gilberto Gonçalves Malafaia, fundam em 4 de dezembro de 1961, na cidade do Rio de Janeiro, o IBP (Instituto Bíblico Pentecostal). As aulas funcionavam à noite para pastores, obreiros em geral e jovens. Os primeiros professores foram os missionários N. Lawrence Olson e Alice Olson, Gilberto Malafaia, João Farias da Silva, Maria Aparecida, Adalberto Arraes e Antônio Gilberto da Silva. O pastor Antônio Gilberto relatou, que por ocasião da aceitação do convite para ensinar no IBP, quase foi excluído da igreja

⁹¹ GEE, Donald. Porque creio em Institutos Bíblicos. *A Seara*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 06, nov/dez., 1962. p. 06.

⁹² ALENCAR, 2010, p. 46 *apud* GOMES, 2013, p. 117.

⁹³ GOMES, 2013, p. 117.

⁹⁴ GOMES, 2013, p. 118.

⁹⁵ GOMES, 2013, p. 120.

⁹⁶ GOMES, 2013, p. 123.

onde na época servia. Após os fatos acima citados, somente no ano de 1973, durante a Convenção Geral em Natal-RN, é que o IBAD passa a ser reconhecido oficialmente pela CGADB. Em 1975, na Convenção Geral em Santo André-SP, o mesmo acontece com o IBP.⁹⁷

3.3.1 Conflito nas Convenções entre as Missões Sueca e Americana por causa dos Temas Teologia e Instituto Bíblico

Com a fundação do primeiro Instituto Bíblico da denominação, o IBAD⁹⁸ fruto mais de um trabalho pessoal de seus fundadores⁹⁹ em cooperação com os missionários americanos, do que um trabalho institucional da liderança das ADs naquele momento, este tema foi amplamente discutido nas convenções a partir da década de 40. De acordo com Araújo:

A Missão livre sueca, mantenedora dos missionários no Brasil, se opunha a entrada dos missionários norte-americanos, sendo isto alvo de algumas reuniões e acordos para que finalmente acontecesse. Surgiram certa vez que os norte-americanos trabalhassem na Argentina, Uruguai e outros países da América Latina. Mais tarde, em 1937, numa carta endereçada à junta de missões da Assembleia de Deus dos Estados Unidos afirmaram que “poderiam vir para o Brasil, mas deveriam se sujeitar a liderança da AD brasileira”.¹⁰⁰

Portanto, havia muito embates entre suecos e americanos, o que ia influenciando o pensamento da Igreja e alguns pastores brasileiros influenciados pelos suecos afirmavam: “Que, a relação com os Estados Unidos será aceita devido ao poderio econômico, não obstante a sua “falta de doutrina”, pois que “Os suecos têm a doutrina e os americanos os dólares.”¹⁰¹

Considerado pela missão sueca, como um assunto controverso, o ensino teológico vinha sendo debatido desde 1943, entre os pastores nas assembleias gerais da Convenção Geral das Assembleias de Deus.

Na Convenção de 1948, quando se debateu a proposta de implantação de institutos bíblicos, viu-se por bem reafirmar a tensão entre a educação teológica formal e a experiência religiosa, o que gerou muitos embates e debates nas Assembleias de Deus, como a posição de um dos convencionais, durante estas discussões acaloradas:

⁹⁷ GERMANO, Altair. *A Educação Teológica nas Assembleias de Deus no Brasil: resistência e ascensão* (1). Disponível em: <<http://www.altairgermano.net/2010/08/educacao-teologica-nas-assembleias-de.html>>. Acesso em: 29 set. 2016.

⁹⁸ GOMES, 2013, p. 121.

⁹⁹ Após 48 anos de fundação das Assembleias de Deus é que João Kolenda Lemos e Ruth Dóris Lemos, rompendo com a situação adversa, iniciaram as aulas do IBAD o Instituto Bíblico das Assembleias de Deus. POMMERENING, 2013, p. 72.

¹⁰⁰ ARAUJO, 2007, p. 465-466.

¹⁰¹ FRESTON, Paul (Org.). *Marxismo e fé cristã: o desafio mútuo*. São Paulo: ABU, 1988. p. 85 *apud* POMMERENING, 2013. p. 69.

O irmão Pires faz ver que a maioria dos irmãos são contrários aos cursos bíblicos por correspondência. Disse ainda que temos uma escola, a de Jesus, que não aprendeu, como outros, e foi provado na Igreja para o ministério. Mostrou a necessidade de ser chamado por Deus e consagrar-se ao Senhor, e não desprezar a graça que Deus tem dado a Igreja pelos ministérios.¹⁰²

3.3.2 A Influência americana na Criação do Primeiro Instituto Bíblico

Houve com o passar das décadas, uma mudança de mentalidade nas Assembleias de Deus, visto que, começaram a vir para o Brasil missionários americanos, e estes tinham como mister apoiar o conhecimento teológico e com o passar do tempo, houve um maior interesse pelo conhecimento sistemático da Teologia: “Nos EUA era comum o obreiro antes de ser ordenado ao ministério, passar, em média, quatro anos em um Instituto Bíblico”.¹⁰³ Já que, desde que foram fundadas em 1914, as Assembleias de Deus norte-americanas incentivaram o conhecimento teológico e em 1922, é fundado a *Central Bible College*,¹⁰⁴ sendo esta a principal diferença existente entre a Teologia pentecostal norte-americana e a Teologia pentecostal brasileira, entre as décadas de 10 e 50, como sinaliza Lima:

Nos Estados Unidos os ministros têm formação cultural e religiosa esmeradas, afora o fato de provirem de classes mais bem situadas na escala social, enquanto no Brasil a formação dos pastores, na média, não corresponde às exigências ideais e a grande maioria é originária das camadas mais humildes da população.¹⁰⁵

Desta feita, a chegada destes missionários, conferiu legitimidade para a fundação do primeiro Instituto Bíblico, sendo este o passo mais significativo dos missionários norte-americanos para a formação teológica dos obreiros brasileiros¹⁰⁶, o que motivou alguns missionários brasileiros, que começaram a apoiar a criação dos Institutos Bíblicos.

Destarte, os missionários da AG (Missão americana) J. P. Kolenda, N. Lawrence Olson, e Orlando Boyer, juntamente com alguns pastores brasileiros foram os defensores da abertura oficial de Instituto Bíblico pela Assembleia de Deus, diante dos missionários suecos e pastores brasileiros, que achavam que os institutos bíblicos trariam formalismo e seriam “fábricas de pastores”, o que na verdade, reflete a superficialidade teológica da liderança pentecostal das primeiras décadas do Pentecostalismo brasileiro.

¹⁰² DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus*. Rio de Janeiro: Ed. CPAD, 2004. p. 253.

¹⁰³ ARAUJO, 2014, p. 560.

¹⁰⁴ GOMES, 2013, p. 104.

¹⁰⁵ LIMA, Delcio Monteiro de. *Os Demônios Descem do Norte*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves e Editora, 1988. p. 70.

¹⁰⁶ ARAUJO, 2014, p. 560-561.

Foi só a partir dos anos 50 que os estudos bíblicos ganharam mais densidade e profundidade, sendo que a criação da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD)¹⁰⁷ e a chegada de novos missionários americanos fortaleceram a ideia da disseminação do conhecimento¹⁰⁸, sendo a criação de Institutos Bíblicos a consequência direta disso, pois os obreiros brasileiros precisavam se aprofundar mais no Conhecimento Bíblico.¹⁰⁹

A revista *Ultimato* na edição 331 trouxe como matéria de capa o tema “A maior Denominação Evangélica do Brasil”, em alusão ao centenário das Assembleias de Deus no Brasil. Em seu bojo trouxe também o tema “O colégio de Jesus e a educação teológica das Assembleias de Deus” e salientou a dificuldade de mudar a mentalidade da denominação “quanto ao preparo formal de seus pastores e líderes”.

Em uma reunião realizada na Assembleia de Deus em São Cristóvão, no Rio de Janeiro, em maio de 1943, com a presença de 93 obreiros, o missionário Lawrence Olson propôs a abertura de institutos bíblicos, escolas teológicas e seminários pelo país. Paulo Leiva Macalão, pastor da Assembleia de Deus em Madureira, afirmou que seria perigoso investir na educação teológica do obreiro. Segundo ele, a muita sabedoria, o muito estudo e o intelectualismo poderiam esfriar espiritualmente a alma. Cinco anos depois, na Convenção Geral de 1948, realizada em Natal, RN, o assunto voltou ao plenário e encontrou várias objeções. Para Francisco Pereira, “um instituto bíblico é uma fábrica de pregadores, sendo que, segundo Efésios 4.11, o ministério é dado pelo Senhor”. O pastor Eugênio Pires argumentou: “Temos uma escola, a de Jesus, que não pode nem deve ser orientada por determinada pessoa”. O missionário sueco Gustavo Nordlund aproveitou a ocasião para afirmar que não sentia falta de um seminário por causa do “colégio de Jesus”, onde começou e ainda permanecia. Passados 18 anos, na Convenção Geral de 1966, realizada em Santo André, SP, o pastor João Pereira de Andrade e Silva declarou que “o melhor educandário é o colégio do Espírito Santo”. O pastor Anselmo Silvestre, de Belo Horizonte, reafirmou que em um seminário os candidatos correm o risco de ficarem com a cabeça cheia e o coração vazio. O último a falar foi o pastor Antônio Petronilo dos Santos: “Os institutos bíblicos desejam realizar um trabalho psicológico nas Assembleias de Deus no Brasil”. Petronilo afirmou ainda que eles são desnecessários, pois, “nestes 55 anos, as Assembleias de Deus no Brasil cresceram imensamente sem o concurso dos institutos bíblicos”. Foi o missionário sueco Gustav Bergström, naturalizado americano que, na Convenção Geral de 1937, pediu a criação de uma escola bíblica anual, com duração de pelo menos dois meses, para todos os obreiros e aspirantes ao ministério. Uma delas só aconteceu oito anos mais tarde, em Belém do Pará, com 101 alunos. Essas escolas foram os primeiros seminários teológicos pentecostais informais com cursos de curta duração. Mais tarde, começaram a surgir outros em todo o país. O mais antigo é o Instituto Bíblico das Assembleias de Deus (IBAD), em Pindamonhangaba, SP, fundado em 1958, que já formou mais de 5 mil alunos e alunas. O Instituto Bíblico das Assembleias de

¹⁰⁷ “Em 1940, os pastores e missionários suecos se reuniram em Salvador (BA), numa assembleia geral da CGADB, em caráter de urgência, para deliberar acerca das medidas que deveriam tomar em prol do jornal *Mensageiro da Paz*. Essas medidas foram tomadas em decorrência de um decreto presidencial publicado naquele ano que forçou os líderes assembleianos a adiantar o seu projeto de criar a Casa Publicadora das Assembleias de Deus. O decreto do presidente Getúlio Vargas exigia que todos os jornais do país se registrassem imediatamente no D.I.P, um organismo controlador da imprensa e que somente entidades com personalidade jurídica poderiam possuir jornais. Para se enquadrar a essas exigências, a Convenção Geral teve que criar a Casa Publicadora.” ARAUJO, 2013, p.166-167.

¹⁰⁸ GOMES, 2013, p. 118-121.

¹⁰⁹ ARAUJO, 2014, p. 560-562.

Deus no Amazonas (IBADAM), com sede em Manaus, e a Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus (EETAD), em Campinas, SP, foram fundados em 1979. O primeiro já formou mais de 1.500 alunos, e o segundo, mais de 40 mil (graças ao programa de educação por extensão e à distância, com quatrocentos núcleos espalhados pelo Brasil e outros dez países). O campus da EETAD ocupa uma área de 53 mil metros quadrados. Em junho de 1989, surgiu a Escola de Missões da Assembleia de Deus no Brasil (EMAD), hoje sediada em Campo Limpo Paulista, SP.¹¹⁰

Com base nesse relato, pode se observar que a influência americana nas ADs foi decisiva no que diz respeito ao estudo teológico e influenciou profundamente todo o modo de pensar do Movimento Pentecostal.¹¹¹

Com a criação do IBAD e do IBP, o terceiro seminário a surgir no Brasil foi na região Sul. A criação do IBE foi fruto direto do empenho dos missionários Nils e Mary Taranger, que de acordo com o pastor e historiador do pentecostalismo gaúcho Luciano Stein, teve início após uma linda experiência em um evento nos EUA¹¹² e assim surgiu o Instituto Bíblico Esperança (IBE), em homenagem ao Lar Esperança, orfanato da AD de Porto Alegre, que recebia cooperação da Missão Sueca e que cuidou de muitas crianças, como a jovem Ângela Martins, mãe do autor deste trabalho: “No Lar Esperança muitas crianças foram ressocializadas e vidas foram edificadas através do amor e do empenho dos pastores e irmãos, que acreditaram neste lindo projeto.”¹¹³

3.4 A Formação das Primeiras Turmas de Alunos dos Institutos Bíblicos e o desprezo da Liderança das Assembleias de Deus

Como fruto da relação conflitiva que permeou a história do Pentecostalismo, na década de 60 e mesmo com a fundação do IBAD e do IBP (Instituto Bíblico Pentecostal, fundado no Rio de Janeiro nesta mesma época) ainda havia uma grande resistência ao Ensino Teológico e muitos pastores que enviavam seus filhos para estudar Teologia eram ameaçados de perder o pastorado, outros foram perseguidos e os alunos em especial, sofreram muita

¹¹⁰ REVISTA ULTIMATO. *O “colégio de Jesus” e a educação teológica das Assembleias de Deus*. ed. 331, julho-agosto, 2011. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/331/o-colegio-de-jesus-e-a-educacao-teologica-das-assembleias-de-deus>>. Acesso em: 25 nov. 16.

¹¹¹ MARTINS, 2017, p. 35.

¹¹² “Em 1965, Nils e Mary foram convidados pelo Dr. Moris Cerullo para a Conferência Missionária Internacional, realizada em São Diego, Califórnia, nos Estados Unidos. Foram dias preciosos na presença do Senhor, pois o Espírito Santo foi derramado de uma maneira inexplicável sobre todos os que participaram, oriundos de muitas nações. Ao voltar para Porto Alegre, o Espírito do Senhor falou claramente a Nils acerca da possibilidade de se aproveitar o mês de janeiro ou fevereiro para se promover um curso intensivo de Estudos Bíblicos nas dependências do Lar Esperança.” STEIN, Luciano. *Nils Taranger: um coração missionário no sul do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 2002, p. 117.

¹¹³ MARTINS, Ângela. Mensagem eletrônica. Mensagem recebida por <pr.orlandomartins@gmail.com> em 15 nov. 2016.

rejeição; outros inclusive nunca foram aproveitados no Ministério como obreiros; mas, foram estes heróis anônimos que legitimaram a Educação Teológica formal no contexto Pentecostal.¹¹⁴ Segundo o pastor Eude Martins, no período em que estudou no IBAD, em entrevista disse:

Estudei no IBAD em Pindamonhanga (SP) nos anos 1968 e 1969. Naquela época só havia duas escolas teológicas assembleianas no Brasil: o IBAD, em Pindamonhangaba, liderado pelo missionário João Kolenda Lemos [Curso integral] e o IBP - Instituto Bíblico Pentecostal, no Rio de Janeiro, liderado pelo missionário Lawrence Olson [Curso noturno]. A resistência ao estudo teológico era intenso naquela época, mas graças ao respeito dedicado a João Kolenda e Lawrence Olson por uma expressiva liderança, os alunos começaram a chegar de toda a parte do Brasil. Naquela época era raríssimo alguém estudar teologia por conta própria. Havia sempre uma igreja ou um mecenas apoiando. No meu caso, foi o meu próprio pai que arcou com as minhas despesas. Não havia tantas convenções como atualmente e a Convenção Geral das Assembleias de Deus exercia de fato a liderança da denominação.¹¹⁵

Sobre o exercício de suas atividades eclesiais após formar-se em teologia no IBAD, teve algumas dificuldades. Salientou Martins:

Poucos meses depois da formatura fui eleito presidente da mocidade das Assembleias de Deus de Deus nas cidades de Niterói e São Gonçalo, no Rio de Janeiro. Quando programamos o primeiro Congresso de Jovens, visitei todas as igrejas sede da época divulgando o Congresso. Aliás, os pregadores do Congresso foram pastores de Santa Catarina: Pastor Satyro Loureiro e pastor Artur Montanha. Em uma dessas igrejas, o pastor conhecia o meu pai e por isso recebeu-me com honras, colocando-me no púlpito. Alguém chegou ao seu ouvido e disse-lhe que tinha estudado teologia. Imediatamente ele determinou que eu descesse do púlpito, dizendo para a igreja que esse tipo de gente não senta no púlpito de sua igreja. Fiquei lá embaixo sentadinho e aguardando minha oportunidade de divulgar o Congresso. Ele acabou me dando oportunidade para falar, mas fora do Púlpito.¹¹⁶

Portanto, esta é a triste realidade que permeou a vida daqueles que estudaram Teologia na década de 60; entretanto, com o passar do tempo, muitas barreiras levantadas contra o ensino teológico nas Assembleias de Deus foram caindo rapidamente porque novos líderes se juntaram aos pioneiros, apoiando também a formação teológica. Alguns anos depois começaram a surgir Escolas Teológicas em todo o Brasil. De acordo com o pastor e professor Eude Martins, membro da Sociedade Bíblica do Brasil: “As primeiras turmas do IBAD e IBP foram pródigas em formar grandes pregadores e líderes das Assembleias de Deus no Brasil.

¹¹⁴ MARTINS, 2017, p. 35.

¹¹⁵ BATISTA, Marcio. *Entre o Espírito e a Letra - Pedido por informações* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <falecom@marciobatista.com.br> em 05 out. 2015.

¹¹⁶ BATISTA, Marcio. *Entre o Espírito e a Letra - Pedido por informações* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <falecom@marciobatista.com.br> em 05 out. 2015.

Aquela geração revolucionou a denominação assembleiana, provocando o grande avivamento que experimentamos nas décadas de 70, 80 e 90”.¹¹⁷

Enfim, a partir desta Escola, muitos passaram a se destacar como pastores, professores, pregadores e conferencistas tais como: Paulo Cesar Lima, Hidekazu Takayama, Samuel Câmara, Jabes de Alencar, Elienai Cabral, Eude Martins e tantos outros que se formaram nas primeiras turmas do IBAD. Sobre este tempo, o pastor e teólogo Paulo Cesar Lima, relata:

Esta é uma longa história. Os suecos, os primeiros a chegarem ao Brasil, dedicavam-se às famigeradas Escolas Bíblicas e não gostavam de nada que envolvesse teologia. Eles formaram um bloco fechado, intransponível. Com a chegada de alguns missionários norte-americanos, que não eram bem-vindos pelos suecos, diga-se de passagem - a situação da educação teológica ficou totalmente polarizada.¹¹⁸

De acordo com o historiador assembleiano Mario Sérgio Santana, havia certa desconfiança e animosidade para com os jovens que buscavam se aperfeiçoar através do Instituto Bíblico, poucos pastores apoiavam, mas, um dos que mais apoiou foi o pastor Alcebiades Pereira de Vasconcellos, então presidente da Assembleia de Deus em Belém do Pará, que apoiou e assumiu o custo dos estudos do jovem Samuel Câmara no IBAD, investimento este que foi compensador para as Assembleias de Deus, já que, o então jovem, hoje se transformou em uma das maiores referências ministeriais do Pentecostalismo brasileiro.¹¹⁹

3.5 Tensões e Mudança de Mentalidade na Liderança do Movimento Pentecostal Brasileiro

Como fruto da fundação do IBAD e do processo do surgimento dos primeiros Institutos Bíblicos, houve sintomaticamente, uma mudança de mentalidade na liderança do Pentecostalismo Assembleiano no Brasil, fruto da chegada da Missão Americana, que contemplou a Educação Teológica e o que antes era desencorajado, agora começou a ser incentivado. Por isto, mesmo que as ADs tenham sido fundadas no Brasil em 1911, foi apenas na década de 1980 que o conhecimento teológico foi considerado um requisito para a

¹¹⁷ BATISTA, Marcio. *Entre o Espírito e a Letra - Pedido por informações* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <falecom@marciobatista.com.br> em 05 out. 2015.

¹¹⁸ LIMA, Paulo Cesar. *Mensagem eletrônica*. Mensagem recebida por <pr.orlandomartins@gmail.com> em 15 nov. 2016.

¹¹⁹ SAMUEL Câmara – quebrando paradigmas. *memórias das Assembleias de Deus*. 8 jan.2015.. Disponível em: <<http://mariosergiohistoria.blogspot.com.br/2015/01/samuel-camara-quebrando-paradigmas.html>>. Acesso em: 28 dez. 2016.

ordenação de um pastor.¹²⁰ Infelizmente, ao longo dos seus primeiros anos de vida, as ADs não tiveram Institutos Bíblicos, Seminários ou Faculdades e aparentemente não demonstraram sentir sua ausência, como expressado por meio do “Mensageiro da Paz”, jornal oficial da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB): “O melhor seminário para o pregador é o de “joelhos” perante a face do Senhor. Ali o Espírito Santo nos transmite os mais belos e poderosos sermões. Aleluia! São Pedro não foi formado por nenhum seminário.”¹²¹ Portanto, com o surgimento de Institutos Bíblicos houve o incentivo a formação de uma teologia pentecostal mais acadêmica e que contempla os saberes e a profundidade bíblica, sendo esta a principal contribuição para a construção de uma cultura teológica formal, o que gerou uma liderança mais sólida e menos legalista, como de acordo com Pommerening: “A Assembleia de Deus cresceu e crescerá muito e poderá se tornar uma igreja de referência ética, moral, espiritual, educacional e social, se avançar em educação teológica e discipulado”.¹²²

Destarte, fica evidente que com a criação da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) e a abertura do primeiro instituto bíblico, tem início o processo de desenvolvimento intelectual do Movimento, o que pode ser visto como a padronização das crenças¹²³, através da sistematização da doutrina Pentecostal, fato legitimado pela chegada dos missionários americanos no Brasil, na década de 50. No entanto, esta influência foi se espalhando, inicialmente atingiu os grandes centros, pois nas periferias e nas Assembleias de Deus afastadas dos grandes centros, mesmo com a abertura do IBAD e da aprovação de institutos bíblicos, o conhecimento teológico ainda continuou sendo alvo de muitas críticas por parte de muitos líderes e que por muitas décadas, sempre criticaram aqueles que estudavam teologia.

Diante desse fato, segundo Bourdieu:

Os interesses podem variar de acordo com a condição social. Por exemplo, os interesses mágicos distinguem-se dos interesses propriamente religiosos pelo seu caráter parcial e imediato, e cada vez mais frequente, quando se passa para as camadas mais baixas da hierarquia social.¹²⁴

¹²⁰ GERMANO, Altair. *Breve cronologia e história do desenvolvimento da Educação teológica nas Assembleias de Deus no Brasil*. Disponível em: <<http://www.altairgermano.net/2010/08/breve-cronologia-do-desenvolvimento-da.html>>. Acesso em: 20 maio. 2017.

¹²¹ *Mensageiro da Paz*, 15/09/1931, apud GOMES, 2013, p. 86.

¹²² POMMERENING, 2013, p. 76.

¹²³ O’DEA, 1969, p. 64.

¹²⁴ BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva S. A. 2003. p. 84.

Esta tensão é bastante evidente, por exemplo, nas Assembleias de Deus ou nas Igrejas pentecostais mais afastadas dos grandes centros. De acordo com o professor Claiton Pommerening:

Hoje, quase não se percebem mais estes conflitos, embora presentes em congregações de periferia, contudo permanecem subjetivos, e presentes nas atuais decisões em prol da educação na Assembleia de Deus, tendo em vista que a base de apoio educacional foi colocada de maneira tardia e tímida influenciando a pouca importância que ainda se dá a este assunto.¹²⁵

Após a criação do IBAD, outros seminários e cursos teológicos foram fundados de norte a sul do Brasil, como o IBP “Instituto Bíblico Pentecostal” no Rio de Janeiro, o IBADAM “Instituto Bíblico do Amazonas” em Manaus, o IBE “Instituto Bíblico Esperança” em Porto Alegre. Sendo estes os primeiros de muitos que desde a década de 70 vem sendo fundados em nosso país.

Inicialmente, os cursos teológicos eram de modalidade básica e com duração de dois anos, depois foram sendo abertos pelo país cursos¹²⁶ médio e bacharel livre em Teologia, sendo que em 1973 a Convenção Geral das Assembleias de Deus “CGADB”, funda o CEC¹²⁷ “Conselho de Educação e Cultura”, sendo que, hoje, praticamente todos os estados por meio das convenções assembleianas, contam com um conselho de educação e cultural regional e deste modo à educação teológica formal vai sendo aceita e até mesmo incentivada como um dos pilares na formação pastoral de um obreiro.¹²⁸

Portanto, a partir da década de 70 e 80 surgem muitos cursos teológicos como a EETAD, que propaga a educação teológica, através de núcleos de cursos básico e médio pelo país, além desta, surgem outras escolas. Já no ano de 2007, é fundada a Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia - FAECAD, sendo esta uma instituição credenciada pelo MEC. Entrementes, muitas faculdades assembleianas foram aprovadas pelo MEC, já outras são faculdades livres. Entretanto, os alunos destes cursos convalidam em faculdades que sejam aprovadas pelo Ministério da Educação.

¹²⁵ POMMERENING, 2013, p. 66.

¹²⁶ A formação teológica, doutrinária e pentecostal, era de cunho evangelístico e ministerial, oferecida por meio de institutos bíblicos, seminários teológicos e programas diversos que atingiam o objetivo imediato de abastecer minimamente as novas igrejas nos territórios nacionais. In: SANCHES, Sidney de Moraes. A contextualização da teologia: conceitos, história, tensões, métodos e possibilidades. *Revista Tecer*, Belo Horizonte, vol. 2. n. 3, novembro 2009. p. 7 *apud* GOMES, 2013, p. 155.

¹²⁷ “[Ainda], em 1979, o Conselho ganhou um capítulo no novo Estatuto da Convenção Geral, contendo um artigo, quatro alíneas e um parágrafo, os quais dispunham sobre o número de membros, tempo de mandato e mantinham competência do Conselho de examinar e elaborar currículos, fiscalizar as Escolas, reconhecer Escolas Teológicas, e previam a emissão de Certificado de Reconhecimento de Escolas Teológicas” ARAÚJO, 1988, p. 16 *apud* GOMES 2013, p. 155.

¹²⁸ MARTINS, 2017, p. 31.

3.6 Faculdades Teológicas e o Reconhecimento pelo MEC

Até 1999, as faculdades teológicas do Brasil mantinham cursos livres em nível de bacharelado. Em 1999 foi publicado o parecer CNE/CES nº 241/1999 que possibilitou a abertura de cursos de bacharelado em Teologia reconhecidos pelo MEC. A então Escola Superior de Teologia (EST – hoje Faculdades EST) de São Leopoldo/RS foi a primeira instituição brasileira a receber a autorização para abertura de curso pelo Ministério da Educação. Assim, houve uma melhora significativa na qualidade do ensino, visto que as instituições, mesmo sendo confessionais, devem se adequar às normas vigentes do MEC o que confere mais qualidade como afirma Júlio Zabatiero:

Aponta algumas características que o currículo teológico adquiriu: “divisão do currículo em áreas acadêmicas relativamente estanques entre si, divisão do saber dentro dos limites da “disciplina”, que cria seus próprios critérios de validade, sua bibliografia, sua história e sua problemática, desvinculação entre seus conteúdos, problemas e critérios disciplinares e contexto da vida cotidiana (ou entre teoria e prática), tendência à especialização e fragmentação do saber, desconsideração de outras fontes do saber que não as acadêmicas, indiferença para com as situações específicas de docentes e estudantes, seja cultural, econômica, racial, etc.¹²⁹

Conforme o parecer do Conselho Nacional de Educação nº 60/2014, que pela primeira vez define diretrizes curriculares nacionais, tal estudo deve ser organizado de acordo com os seguintes eixos: teológico, filosófico, metodológico, histórico-cultural, sociopolítico, linguístico e interdisciplinar.

3.7 Considerações

Apesar de alguma resistência ou da falta de um apoio mais efetivo, a Educação Teológica Formal já é uma realidade na Assembleia de Deus no Brasil e com o passar do tempo, o anti-intelectualismo que, conforme indica Rick Nañez (2007), faz parte da história do Movimento Pentecostal moderno, tem cedido lugar à consciência bíblica, culminando na fundação de cursos formais de Teologia, Faculdades, Universidades e a rigor, é na esteira dessas mudanças que a Assembleia de Deus no Brasil vai assumindo uma nova postura em relação ao Conhecimento Formal, o que vai gerando muitas e importantes contribuições para as Assembleias de Deus no Brasil.

¹²⁹ ZABATIERO, Júlio P. Tavares. Em busca de um projeto teológico-pedagógico para educação teológica. In: KOHL, Manfred, BARRO, Antonio Carlos (Orgs.). *Educação Teológica Transformadora*. Londrina: Descoberta, 2006. p. 163-164.

4 EM QUE MEDIDA A ESTRUTURA CONSTRUÍDA PELA EDUCAÇÃO TEOLÓGICA FORMAL, CONTRIBUIU PARA O FORTALECIMENTO DA TEOLOGIA E DA IDENTIDADE PENTECOSTAL NO BRASIL?

Apresenta-se neste capítulo, uma abordagem a respeito de como a Teologia Pentecostal cresceu, consolidou-se e contribuiu para o fortalecimento da experiência religiosa nas ADs no Brasil, gerando uma Teologia mais profunda, que dialoga com outros saberes e não apenas devocional.

4.1 O crescimento do interesse dos pentecostais pela Educação Teológica e pela vida acadêmica

Portanto, a partir da década de 80, surgem muitos cursos teológicos pelo país, a maioria com ênfase mais confessional e denominacional, que propagam e sistematizam a educação teológica pentecostal através de Cursos Básico, Médio e Bacharel Livre pelo país. Entretanto, no ano de 2007, é fundado no Rio de Janeiro a Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e biotecnologia - FAECAD, sendo esta uma Instituição credenciada pelo MEC e hoje, muitas faculdades assembleianas são credenciadas pelo MEC. Já outras são faculdades livres; entretanto, os alunos destes cursos após cumprirem uma série de recomendações e de cursarem no mínimo 1.600 horas aula, convalidam¹³⁰ seus estudos em Faculdades que tenham sido aprovadas pelo MEC. Isso gerou um maior interesse em uma teologia acadêmica e profunda.

Atualmente, muitos cristãos pentecostais estudam teologia, não apenas em cursos mais elementares como o básico e o médio, mas, sim, estudam em faculdades livres e depois convalidam seus estudos em uma faculdade que oferta a referente convalidação em Teologia pelo MEC; já outros estudam Teologia em cursos reconhecidos pelo MEC e muitos outros estudam nas mais diversas faculdades que não contam com tal reconhecimento estatal. Sendo que, de acordo com Pommerening, muitas Instituições Pentecostais buscaram o registro do MEC para seus cursos livres:

¹³⁰ Com base no parecer CNE/CES de 2004; porém, esta modalidade encerrar-se-á em definitivo em setembro de 2017.

Com a possibilidade dos cursos teológicos serem reconhecidos pelo MEC a partir do ano de 1999, várias ADs do Brasil regularizaram seus cursos livres e outros iniciaram faculdades dentro dos parâmetros da lei. Um grande avanço, pois obriga as instituições a buscarem qualidade no ensino, o que vem a beneficiar o avanço teológico acadêmico, de forma a levar à uma reflexão teológica mais aprofundada e contribuir para a solidificação dela nas ADs.¹³¹

Este interesse pelo conhecimento acadêmico gerou um manifesto da liderança assembleiana em um encontro anual, sendo que este Manifesto¹³² foi produzido por alguns dos mais importantes teólogos do contexto assembleiano.

4.1.1 A Oralidade Pentecostal e a Relevância da Escrita no Pentecostalismo Moderno

Historicamente, o Pentecostalismo sempre propagou suas crenças mais por intermédio da oralidade¹³³ do que pela literatura, sendo que, um hino lançado em um evento pentecostal encontra muito mais aceitação do que um livro ou um opúsculo doutrinário.

Entretanto, como fruto da abertura ao conhecimento teológico esta realidade tem começado a mudar, mais ainda está longe de ser uma realidade dominante dentro do pentecostalismo, pois nos grandes centros se lê muito e se incentiva o conhecimento teológico, mas, longe dos grandes centros, ainda a oralidade faz parte do pentecostalismo e é considerado por muitos como o ponto mais importante da fé, haja vista o grande número de cantores e pregadores pentecostais que recebem muito mais aceitação, entre o povo do que os escritores e ensinadores, onde uma aula da Escola Dominical é menos apreciada do que os momentos de testemunho e onde a exposição bíblica recebe menos valor do que um momento de louvor.

Portanto, mesmo que hajam teólogos, escritores e pregadores aprofundados no pentecostalismo, a oralidade, o testemunho, a oração e a vida prática ainda recebem mais atenção do povo, pois faz parte de uma tradição que historicamente sempre incentivou mais a experiência religiosa do que a educação teológica formal, por mais que hoje em dia, oficialmente a educação teológica tenha prosperado e faça parte do dia a dia dos mais letrados da Igreja e daqueles que gostam de estudar, mas, que ainda não são a maioria, principalmente nas igrejas mais afastadas dos grandes centros urbanos.

¹³¹ POMMERENING, Claiton Ivan. *Educação Teológica nas Assembleias de Deus: relações entre a escola bíblica, o instituto bíblico e a academia*. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/5anptecre?dd1=15552&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 27 maio. 2016.

¹³² Segue em anexo 6, parte do Manifesto de Reflexão Teológica das Assembleias de Deus.

¹³³ **Oralidade:** cultura que enfatiza a fala e o aspecto oral.

4.2 A Educação Teológica Formal, o Fortalecimento da Casa Publicadora das Assembleias de Deus e o Surgimento de Novos Escritores e Teólogos Pentecostais

Como fruto da experiência com a educação teológica formal, visto que contemplou a jovens talentos que estavam despontando como escritores a partir do surgimento dos primeiros Institutos Bíblicos.

De acordo com o historiador pentecostal Isael de Araújo: “Os grandes teólogos nacionais só começaram mesmo a surgir a partir dos anos 70”.¹³⁴ A Casa Publicadora das Assembleias de Deus foi fundada na década de 40, entretanto, já possuía o Jornal Mensageiro da Paz, órgão oficial da CGADB e imprimia alguns livros e as lições bíblicas, no entanto, a partir da década de 60, com o surgimento de uma geração de escritores, muitos deles formados no IBAD ou no IBP, foram surgindo novos periódicos e materiais de apoio, o que foi fundamental para a consolidação de uma geração de obreiros assembleianos. De acordo com o site oficial da editora CPAD:

Nos últimos anos, a tiragem de revistas de Escola Dominical passou de 1 milhão para mais de 2,2 milhões trimestrais. Com isso, a cada três meses mais de dois milhões de novos alunos aprendem a Palavra de Deus todos os domingos. Antes, eram vendidos 60 mil livros por ano, atualmente, são mais de 700 mil obras que atendem diversos segmentos de nossa igreja. Destacam-se as teológicas, comentário e dicionários. Para atender aos países de fala hispânica e aos latinos morando nos EUA, a CPAD fundou, em 1997, a Editorial Patmos, seu braço editorial internacional com sede na Flórida.¹³⁵

Portanto, a fundação dos primeiros Institutos Bíblicos contribuiu de modo decisivo em várias áreas da igreja, gerando em cada cristão uma busca não apenas pela experiência religiosa, mas, pela educação formal, o que gerou qualidade, conhecimento e intelectualidade.

Atualmente, existe uma grande gama de autores pentecostais que tem se destacado muito, desde os mais antigos teólogos: Antônio Gilberto, Claudionor de Andrade, Elienai Cabral, Elinaldo Renovato de Lima, Jeremias do Couto, Paulo Romeiro, Geziel Gomes, Orlando Boyer, Paulo Cesar Lima, bem como os atuais, que vem se destacando: Antônio Siqueira, Cesar Moisés, Claiton Pommerening, Esdras Benthó, Isael de Araújo, Jesiel Paulino, José Ozean Gomes, Paulo Mazarem, Silas Daniel, Valmir Nascimento e tantos outros que tem surgido por este país, como fruto da fundação da CPAD e da contribuição da Missão

¹³⁴ ARAUJO, Isael de Araújo. *Dicionário do movimento pentecostal*, edições CPAD, Rio de Janeiro. 2015. p. 560.

¹³⁵ CPAD. *Descubra a CPAD - Saiba como chegamos até*. Disponível em: <<http://www.editoracpad.com.br/institucional/integra.php?s=1&i=2>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

Americana, o que culminou na abertura do IBAD, o grande divisor de águas na Teologia Pentecostal.

4.2.1 A Educação Teológica Formal e o Aprofundamento da Mensagem Pentecostal

Desde a fundação dos primeiros Institutos Bíblicos, já se passaram cinco décadas, entretanto, muitos, por falta de entendimento ou ainda influenciados pelo pensamento dos primeiros missionários, não conseguem compreender a ação de um teólogo dentro da Igreja, no entanto, as comunidades de fé que não valorizam a ação do teólogo, acabam por se tornar presas fáceis para as heresias e ventos de doutrina.

Entretanto, mesmo havendo este pensamento, cada vez mais os que pensam desta maneira acabam isolando-se e fatalmente irão perder oportunidades dentro das ações ministeriais da Igreja, até porque, atualmente a maioria das Convenções Estaduais orienta aos seus convencionais que estudem teologia, sendo o curso teológico requisito principal para aqueles que almejam o ministério pastoral.

Enfim, hoje muitas Igrejas organizam “Conferências Teológicas”, “Simpósios” ou Encontros para Teólogos, Obreiros e Educadores cristãos, visto que, estes eventos acontecem periodicamente e envolvem tanto a área de Ensino, como as Faculdades Teológicas, como na AD Mais de Cristo, que realiza anualmente uma Conferência Bíblica e um Simpósio Teológico.

4.2.2 O Surgimento de novos modelos de Igrejas Pentecostais, Influenciadas por uma Proposta mais Teologal e menos Empírica

Como fruto do pensamento pentecostal assembleiano, vão surgindo pelo país novas Assembleias de Deus e outras igrejas pentecostais, que mesmo não sendo ligadas à Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADB), identificam-se com o movimento pentecostal e buscam um evangelho pouco legalista e menos fundamentado na experiência religiosa, enfatizando mais a importância do estudo e do conhecimento bíblico. Como exemplo destas, tem-se a “Assembleia de Deus Mais de Cristo” (ADMC), fundada em Florianópolis no ano de 2007, e que desde a sua fundação conta com cursos teológicos.¹³⁶ Como defende o pastor Junior Batista, neto e filho de pastores assembleianos, presidente da ADMC:

¹³⁶ Faculdade e cursos de Teologia Mais de Cristo: “Básico e Bacharel livre”.

Na AD Mais de Cristo, procuramos pregar uma mensagem que seja fiel às Escrituras, nos mantemos firmes nos princípios do pentecostalismo, no entanto não enfatizamos os usos e costumes e sempre apoiamos desde o início da igreja, o conhecimento teológico.¹³⁷

Atualmente, esta denominação dispõe de Curso Básico, Médio e Bacharel livre em teologia, sendo este o reflexo de muitas igrejas atuais, que mesmo tendo sido fundadas nas últimas décadas, não se identificam com as chamadas igrejas “neopentecostais”, mas com o Pentecostalismo Clássico¹³⁸, já que têm identificação com as ADs e com o chamado modelo americano, pois valorizam a Educação Teológica Formal. Além da influência desta modalidade pentecostal, estas comunidades também podem ser chamadas de Igrejas Pentecostais Pós-Clássicas¹³⁹, visto que são comunidades pentecostais que doutrinariamente se identificam com o Pentecostalismo Clássico, entretanto, divergem na liturgia, principalmente nos usos e costumes.

O teólogo e educador Paulo Mazarem, sinaliza uma diferença pontual e não menos importante, entre uma Igreja que advoga o pentecostalismo clássico e uma que faz parte do chamado Pentecostalismo Pós-Clássico, apontando como exemplo a ADMC:

[...] Sinalizar que a relação da ADMC como a educação teológica formal, por exemplo, nunca sofreu em homologia ao pentecostalismo clássico, as retaliações anti-intelectualistas, por parte de líderes que viam/veem no conhecimento teológico o/um esfriamento espiritual, pelo contrário, o pentecostalismo que denominamos “pós-clássico” não só supera as intenções de prática do pentecostalismo clássico concernente ao estudo, como incentiva o conhecimento (não só bíblico, mas também) erudito e teológico.¹⁴⁰

4.3 O Fortalecimento da Teologia Pentecostal e o Surgimento de Centro de Pesquisas

Portanto, as contribuições da educação teológica formal para as Assembleias de Deus são muitas, já que nos dias hodiernos, diferente de antes, as ADs, apoiam e incentivam, os seus obreiros, a estudarem Teologia e como fruto deste incentivo, tem surgido muitos pesquisadores no meio Pentecostal, o que legitima a importância da Educação Teológica

¹³⁷ ADMC - Assembléia de Deus Mais de Cristo. Disponível em: <<http://www.maisdecristo.com.br/>>. Acesso em: 05 out. 2016.

¹³⁸ MAZAREM, Paulo; POMMERENING, Claiton. Pentecostalismo Pós-Clássico: aproximações e distanciamentos entre ondas e neologismos. *Azusa-Revista de Estudos Pentecostais*. Joinville, ano: 8, n. 2. jul/dez. 2017.

¹³⁹ Neologismo desenvolvido pelos professores Paulo Mazarem e Claiton Pommerening e significa as comunidades pentecostais que doutrinariamente possuem muita similaridade com o Pentecostalismo Clássico, entretanto, divergem em algum ponto doutrinário, na liturgia e principalmente nos usos e costumes.

¹⁴⁰ MAZAREM, Paulo; POMMERENING, Claiton. Pentecostalismo Pós-Clássico: aproximações e distanciamentos entre ondas e neologismos. *Azusa-Revista de Estudos Pentecostais*. Joinville, ano 8, n. 2 jul/dez., 2017.

Formal, pois, através da pesquisa e do saber acadêmico, pode haver uma contribuição¹⁴¹ muito grande para pesquisadores, alunos, professores e estudantes tanto de Teologia, ciências da religião, como de outros campos do Conhecimento Humano. Como resultado desta iniciativa, tem surgido pelo país, muitos centros de pesquisas como o Centro de Estudos do Movimento Pentecostal (CEMP)¹⁴² e no ano de 1998 inicia-se a Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais (RELEP), que segundo o site da instituição: “O RELEP é uma instância continental de produção e difusão de pesquisas sobre os pentecostalismos observados na América Latina”.¹⁴³ Enfim, seus pesquisadores pentecostais desenvolvem estudos em diferentes áreas do conhecimento humano, objetivando o fortalecimento da Teologia e da Identidade Pentecostal.

4.4 O Fortalecimento da Teologia pentecostal e a sua Influência sobre a Liderança das Assembleias de Deus no Brasil

Percebe-se que não apenas a Assembleia de Deus, mas o movimento pentecostal de modo geral, foi fortemente influenciado por esta mudança de paradigma, o que somou qualidade ao Movimento, visto que, atualmente, os pentecostais são mais bem fundamentados nas Escrituras, tendo incentivo à busca pelo conhecimento teológico e acadêmico, havendo muitos pentecostais estudando em cursos superiores de graduação, Mestrado e Doutorado, fenômeno este que era pouco visto em décadas anteriores.¹⁴⁴ Apesar da forte ênfase na experiência religiosa que continua, atualmente, muitos pentecostais buscam ser fundamentados não apenas no Carisma, mas, também no conhecimento bíblico, teológico e acadêmico, de modo geral.¹⁴⁵

Portanto, ao analisarmos a influência da Educação Teológica Formal sobre o Pentecostalismo, enfatizamos a importância da busca pelo Saber, o que tem fortalecido a construção de um pentecostalismo bíblicamente consistente e intelectualmente engajado, e

¹⁴¹ Criação de novos centros acadêmicos em que haja debates e outros eventos tais como, seminários e congressos; criação de revistas especializadas, onde se dê ênfase ao aprofundamento dos estudos teológicos, maior investimento em pesquisa, em que se busque prever em orçamento, verbas destinadas à publicação de artigos, material didático, livros, material de apoio e outros; criação de centros de pesquisa para estudarem o pentecostalismo; maior valorização dos obreiros que estudam Teologia; incentivo para que leigos e obreiros estudem Teologia.

¹⁴² Centro de Estudos do Movimento Pentecostal, sediado no Rio de Janeiro. GANDRA, Valdinei. *Patrimônio Cultural da Assembleia de Deus: Memória e identidade na criação do Centro de Estudos do Movimento Pentecostal – CEMP*. Disponível em:

<file:///C:/Users/familia/Downloads/VALDINEI_RAMOS_GANDRA.PDF>. Acesso em: 22 out. 2017.

¹⁴³ RELEP. Disponível em: <<http://relep.org.br/site/>>. Acesso em: 15 maio. 2017.

¹⁴⁴ MARTINS, 2017, p. 44.

¹⁴⁵ MARTINS, 2017, p. 44.

que não se distancia das questões políticas e sociais, mas propõe uma espiritualidade dinâmica e vivencial, e não apenas legalista e transcendental. Hoje, muitas igrejas Pentecostais possuem Cursos Teológicos e muitos pastores, obreiros e membros, sejam das Assembleias de Deus ou de outras Igrejas Pentecostais, cursam Faculdade, Mestrado e Doutorado, não apenas em Teologia, mas em outros campos do saber humano, ou seja, o que antes sofria Objeção, hoje recebe o reconhecimento da liderança assembleiano como um requisito vital para a formação de um ministro, como afirma Ricardo Bitun, onde cita a entrevista de um importante líder assembleiano:

Em convenções recentes da CGADB, concluiu-se a necessidade da formação teológica para pastores e líderes. Em entrevista realizada com destacado líder membro da CONFRADESP (Convenção Fraternal Interestadual das Assembleias de Deus Ministério do Belém no Estado de São Paulo), este afirmou, para ser um pastor na Assembleia de Deus o candidato deve ter pelo menos de dois a três anos de membresia, ter experiência como cooperador junto à Igreja local, passar a obreiro, e se desejar sua caminhada, o aspirante ao pastorado deverá fazer o curso básico de Teologia, passar a trabalhar como diácono, tendo no mínimo a matrícula de ingresso ao curso médio em Teologia. Como diácono, ou presbítero, deverá realizar o curso de bacharel em Teologia, para que possa ser consagrado pastor ou evangelista.¹⁴⁶

Enfim, sob a perspectiva de uma liderança mais bíblica e menos influenciada pela Experiência Religiosa, atualmente, muitos pentecostais fazem graduação em Teologia ou em outros cursos; como fruto do incentivo da liderança pentecostal.

4.5 Apesar do reconhecimento, ainda falta incentivo aos estudantes de Teologia

Atualmente, apesar do apoio convencional e oficial e mesmo com o surgimento de muitas escolas teológicas e de novos modelos eclesiais, ainda há resistência ao conhecimento teológico ou acadêmico, em detrimento a outras atividades da igreja, como destaca o pastor Antônio Gilberto, teólogo e consultor doutrinário da CPAD:

Eu viajo bastante e vejo isso em toda parte: a falta da disposição em apoiar os ensinadores. As igrejas não apoiam, as convenções não apoiam, os empresários cristãos não patrocinam. E quem vai pagar a conta? Estudar custa caro, muito caro. Resultado disso: temos talentos maravilhosos por aí que são desperdiçados.¹⁴⁷

¹⁴⁶ Entrevista realizada com o Pr. Jose Carlos Santos, pastor da Igreja Assembleia de Deus do Belém em São Paulo, em 20 jun. 2009. In: BITUN, Ricardo. *Formação teológico-pastoral na tradição das Assembleias de Deus: experiências, ênfases e desafios*. Disponível em: <<http://www.bibliotekevvirtual.org/revistas/Methodista-SP/CAMINHANDO/v14n02/v14n02a04.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2017.

¹⁴⁷ GILBERTO Antônio. Erudição e piedade. *Teologia Pentecostal*. 18 mar. 2015. Disponível em: <<https://teologiapentecostal.blog/2015/03/18/erudicao-e-piedade-uma-entrevista-com-o-pastor-antonio-gilberto/>>. Acesso em: 26 dez. 2016.

Este relato do pastor Antônio Gilberto retrata a falta de incentivo à Educação Cristã, o que fica evidente durante a ordenação de aspirantes ao Ministério e mesmo que haja incentivo e até mesmo cobrança por parte das lideranças do pentecostalismo, o conhecimento Teológico Formal recebe menos peso se comparado a oratória e ao Carisma; sendo que hoje, um pregador se destaca mais por envolver a Igreja com sua oratória, do que por apresentar um sermão com profundidade bíblica, o que para muitos, “dá sono”, ou seja, não gera espiritualidade.

Apesar de hoje haver um grande incentivo para que os obreiros estudem Teologia e de ser um dos pré-requisitos para a ordenação de um obreiro, ainda falta muito apoio não somente dos pastores, mas da comunidade de modo geral.

Antigamente, muitos cristãos pentecostais, por influência do anti-intelectualismo,¹⁴⁸ não faziam curso superior, pois viam nas Instituições Universitárias um perigo a ser enfrentado, alegando que o conhecimento acadêmico poderia sufocar a Fé de um cristão e por isso, muito jovens cristão pentecostais¹⁴⁹ não concluíam nem o ensino médio. Já outros nem o ensino fundamental. No entanto, com o passar do tempo e diante das exigências do mercado de trabalho, este pensamento foi considerado ultrapassado, visto que até mesmos nas Igrejas pentecostais, hoje, muitos líderes e pastores incentivam os seus membros a fazerem curso superior e este foi um dos avanços promovidos pela Educação Teológica Formal.

Sabemos que o Mundo é um “campo de batalha”, mas o cristão não deve evitá-lo com uma postura isolacionista, e sim buscar influenciar a sociedade e o mundo acadêmico através do conhecimento profundo e pela ética cristã.¹⁵⁰ Como sinaliza McDowell, nosso papel como cristão é: “[...] apresentar a fé cristã para os jovens cristãos de modo a demonstrar que crer é um exercício inteligente do saber [...]”.¹⁵¹ Portanto, hoje têm crescido o número de cristãos pentecostais que estão estudando em Universidades, muitos tem feito Mestrado e Doutorado e há um grande número de professores universitários.

¹⁴⁸ Nañez (2007, p. 166-184), descreve a postura anti-intelectual e antiteológica que norteou os pensamentos de alguns dos mais destacados pastores da história dos movimentos de renovação dos EUA e que teve profunda influência sobre o Movimento Pentecostal.

¹⁴⁹ O “anti-intelectualismo” já foi muito forte entre os pentecostais, fato esse que não pode ser negado. O teólogo Stanley M. Horton, escreveu: “O Dr. Burton Goddard, que me ensinou hebraico no Gordon (Seminário Teológico Gordon-Conwell), incentivou-me a ir para Harvard fazer doutorado em Antigo Testamento. Ele também me ajudou a conseguir uma excelente bolsa de estudos. Quando contei ao irmão Smuland, meu superintendente distrital, que eu estava agradecido a Deus pela bolsa de estudos, ele retrucou: - A Deus ou ao diabo?” HORTON, 2001. p. 32-33.

¹⁵⁰ MARTINS, 2017, p. 46.

¹⁵¹ GEISLER, Norman L.; MEISTER, Chad V. (Orgs.). *Razões para crer: apresentando argumentos a favor da fé cristã*. Rio de Janeiro, CPAD, 2011, p. 33.

4.6 A Educação Teológica Formal e o Surgimento de uma Cosmvisão Cristã

Atualmente, a sociedade apregoa, de modo aberto e sem nenhuma censura, a mensagem de que tudo é relativo e nada é absoluto e dentro dessa perspectiva atual, o *certo* para um pode ser *errado* para outro; visto que este mundo encontra-se imbuído de uma cosmvisão capitalista e totalitária; havendo assim uma tendência ao “descartável,” pois na atualidade desvalorizou-se o perene, tendo-se assim, o advento do existencialismo, que como cultura do momento, torna o homem avesso ao normativo. Deste modo, as tendências pós-modernas tornam o homem um ser antidogmático.

Vivemos em uma sociedade distanciada dos preceitos cristãos e afundada pelos conceitos seculares, como o Hedonismo, Consumismo, Antropocentrismo, Triunfalismo e outros conceitos que afastam o ser humano de Deus. Entretanto, a relevância do Cristianismo encontra-se na aplicação do Evangelho ao ser humano.

4.6.1 A Educação Teológica Formal e a Importância da Apologética Cristã Pentecostal

Vivemos em uma sociedade pluralista, fato que confere legitimidade e importância à apologética, da defesa da fé, como algo imprescindível à comunidade de Fé, no entanto, é preciso memorar que a geografia religiosa que albergou o pentecostalismo nos primeiros anos contribuiu para que os atores religiosos, isto é, líderes, se apropriassem de clichês bíblicamente ressignificados, com aquela intencionalidade já mencionada de desautorizar aqueles indivíduos que apresentavam certo destaque nas questões religiosas de conhecimento teórico. As expressões eram do tipo “conhecimento até o diabo tem”, ou “o diabo e os demônios conhecem, mas não obedecem”. Contudo, mesmo que muitos não valorizem o papel do teólogo e do apologista, a missão destes é de suma importância para a relevância da Apologética Pentecostal.

4.6.2 A Importância da Experiência Religiosa para a Educação Teológica Formal

Apesar de que, por muitas décadas, houve o conflito entre a Educação Teológica e a experiência Religiosa, deve-se sempre tomar cuidado para que o racionalismo não se torne a base do conhecimento Teológico, mas que a experiência pentecostal legítima também seja contemplada, como afirma o teólogo e educador cristão César Moisés:

A Teologia tem o seu lugar, mas, este, sem dúvida, não pode tirar a liberdade e a espontaneidade que, inclusive a gerou. Entretanto, uma teologia racionalista não

permite essa liberdade, pois ela precisa controlar todas as coisas. Logo, mata-se a espontaneidade e a liberdade da experiência do Espírito.¹⁵²

Portanto, quando existe o equilíbrio entre Teologia e Fé, aí é gerado a verdadeira liberdade do Espírito, visto que, a espiritualidade não será marcada apenas pelas manifestações externas, mas nas internas que envolvem a área do caráter, ética e amor ao próximo. Como bem destacou o teólogo e pastor Jesiel Paulino: "Uma teologia espiritual é aquela que me leva a entrar acompanhado por Deus nas dependências de minha biblioteca, e não aquela que me faz lá entrar para uma peregrinação livresca a fim de encontrar Deus."¹⁵³

4.7 Considerações

As ADs, nas últimas décadas, abriram-se ao conhecimento teológico, de modo que, mesmo dentro de seus arraiais eclesiais, ainda haja resistência, principalmente por aqueles que advogam mais a favor da importância da Experiência Religiosa do que a favor da Educação Teológica.

No entanto, por meio deste capítulo, apresentou-se como a educação teológica formal deixou de ser marginalizada e o modo como ela passou a influenciar o modo de pensar da liderança assembleiana, o que gerou a criação de centros acadêmicos, revistas especializadas, maior investimento em pesquisa e por fim a valorização dos obreiros que estudam Teologia e o incentivo para a formação de uma teologia pentecostal mais acadêmica e não apenas confessional.

¹⁵² MOISES, Cesar. *Revista Obreiro*, Rio de Janeiro, ano 38, n. 75, Edições CPAD, 2016.

¹⁵³ PAULINO, Jesiel. Teologia e Espiritualidade. III EEDUC: Encontro de Educadores Cristãos. Tema: Educação Para um Novo Tempo. Itajaí, 2002. p. 42.

5 CONCLUSÃO

Nesta dissertação, apresentou-se o conflito surgido entre a liderança pentecostal brasileira e a educação teológica formal no contexto brasileiro. Esta é uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, por meio de um levantamento de dados históricos sobre a relação conflitiva entre o pensamento pentecostal brasileiro e a educação teológica formal em obras historiográficas, artigos acadêmicos, livros, dissertações e teses. Na presente pesquisa, encontram-se informações sobre os discursos favoráveis e contrários ao Ensino Teológico por parte de lideranças assembleianas, em arquivos de jornal periódicos da Assembleia de Deus, os quais, que por muitas décadas foram os principais meios de doutrinação da Liderança Pentecostal. Primeiramente este trabalho trata da objeção ao Ensino Teológico formal nas ADs brasileiras, através da compreensão ampla desta discussão, que tem o seu início não dentro do campo do pensamento pentecostal, mas, sim, nas discussões entre a emocionalidade e a racionalidade e a herança anti-intelectual nas origens da maior parte dos Movimentos Evangélicos, em especial nos de Renovação.

De fato, a Educação Teológica Formal e a Fé Pentecostal tiveram suas querelas e em alguns rincões de nosso país, tal conflito não deixou de existir. No entanto, este tema provocou muitos embates e discussões nas Convenções de Pastores e em especial nas comunidades assembleianas. Sendo que estas, de modo geral, por não aceitarem o conhecimento teológico formal, criaram campo para o surgimento de um dualismo de pensamentos, que permeou o *modus pensandi* pentecostal até a década de 70 e o início dos anos 80.

Destarte que esta pesquisa apresenta-se como de vital importância, uma vez que pode contribuir em muito com o pentecostalismo, em especial com o ensino nas Assembleias de Deus, até porque, nos dias atuais, diferente de antes, as ADs apoiam e até incentivam os seus obreiros, a estudarem Teologia e hoje, muitos pesquisadores têm surgido no campo pentecostal. De modo que o maior interesse pela educação teológica formal, legitima a importância de minha pesquisa, que pode contribuir e muito, tanto em nível prático, para obreiros e membros, como em nível acadêmico, contribuindo com pesquisadores, alunos, professores e estudantes tanto de teologia, ciências da religião, sociologia e outros campos do conhecimento humano.

Portanto, através do gênero empregado durante a pesquisa, foi possível então, apresentar dados que justifiquem uma pesquisa mais ampla nos processos de continuação do

conhecimento e uma análise sistemática, que se desenvolvem a partir de alguns Eixos e Hipóteses dentro da pesquisa, tais como: Teologia; Educação; História; Pentecostalismo; Debates; Objeção/aceitação e por fim, a necessidade da educação teológica formal para a manutenção das próprias Igrejas, na medida em que estes campos de conhecimento dialoguem entre si, para que a Teologia possa ser reafirmada em seu campo epistêmico, perpassando as outras áreas do saber, para, que com o passar do tempo elas se tornem mais relevantes e significativas. Desta feita, podemos legitimar nossa pesquisa, por meio de uma reflexão profunda e que nos faz dialogar com os primeiros expoentes do Pentecostalismo.

Enfim, os caminhos percorridos nesta pesquisa levam-me a apontar algumas sugestões que podem contribuir para a Educação Teológica formal no Brasil, em especial entre os pentecostais, como: criação de novos centros acadêmicos em que hajam debates e outros eventos tais como, seminários e congressos; criação de revistas especializadas, onde se dê ênfase ao aprofundamento dos estudos teológicos, maior investimento em pesquisa, em que se busque prever em orçamento, verbas destinadas à publicação de artigos, material didático, livros, material de apoio e outros; criação de centros de pesquisa para estudarem o pentecostalismo; maior valorização e incentivo para que leigos e obreiros estudem Teologia, como também aos jovens para que façam uma graduação em Teologia ou em outros cursos; criação de universidades cristãs, com o devido registro MEC; parceria com faculdades não cristãs e, por fim, o incentivo e a formação de uma teologia pentecostal mais acadêmica e equilibrada, que contemple os saberes e a interdisciplinaridade.

REFERÊNCIAS

ADMC - Assembleia de Deus Mais de Cristo. Disponível em: <<http://www.maisdecristo.com.br/>>. Acesso em: 05 out. 2016.

ALENCAR, Gedeon Freire de. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleias de Deus: 1911-2011*. Rio de Janeiro: Diálogos, 2013.

ANDRADE, Claudionor Corrêa; CONDE, Emilio. *Fundamentos Bíblicos de um autêntico avivamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

ARAUJO, Isael de Araújo. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: Edições CPAD, 2014.

BATISTA, Marcio. Entre o Espírito e a Letra - Pedido por informações [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <falecom@marciobatista.com.br> em 05 out. 2015.

BITUN, Ricardo. *Formação teológico-pastoral na tradição das Assembleias de Deus: experiências, ênfases e desafios*. Disponível em: <<http://www.bibliotekevirtual.org/revistas/Metodista-SP/CAMINHANDO/v14n02/v14n02a04.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 2003.

BRAKEMEIER, G. *Manual de Dogmática Cristã*. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

BRENDA, Albert W. *Ouvi um recado do céu: biografia de J. P. Kolenda*. Rio de Janeiro, 1984.

BRUNELLI, Walter. *Teologia para pentecostais: uma teologia sistemática expandida*. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2016.

CARVALHO, Celso. *A Assembleia não é de A ou B*. Disponível em: <<http://www.creio.com.br/>>. Acesso em: 05 out. 2016.

CEMP: Centro de Estudos do Movimento Pentecostal, sediado no Rio de Janeiro.

CHAVES, Pedro Jonatas da Silva. Raízes históricas do pentecostalismo moderno. *Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, vol.7, n. 1, p. 75-92, jan/jun. 2016.

COLSON, Charles; PEARCEY, Nancy. *E agora como viveremos?* Rio de Janeiro, CPAD, 2000.

COUTO, Marcos Stefano. A Assembleia de Deus e o século do Espírito. *Revista Eclésia*, São Paulo, ano. 15, n. 149, p. 36-47, 2011.

CPAD. *Descubra a CPAD - Saiba como chegamos até*. Disponível em: <<http://www.editoracpad.com.br/institucional/integra.php?s=1&i=2>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus*. Rio de Janeiro: Ed. CPAD, 2004.

DREHER, Martin. *Para Entender-Fundamentalismo*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

DREHER, Martin. *Bíblia: Suas leituras e Interpretações na História do Cristianismo*. São Leopoldo: CEBI:Sinodal,2006.

FAJARDO, Maxwell. *Onde a luta se travar: uma história das Assembleias de Deus no Brasil*. Curitiba: editora Primas,2016.

FISCHER, Joachim. *Reforma: renovação da Igreja pelo Evangelho*. São Leopoldo: Sinodal / EST, 2006.

FRESTON, Paul (Org.). *Marxismo e fé cristã: o desafio mútuo*. São Paulo: ABU, 1988.

FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao Impeachment*. Campinas: Tese de Doutorado IFCH-Unicamp, 1993.

GANDRA, Valdinei. Patrimônio Cultural da Assembleia de Deus:Memória e identidade na criação do Centro de Estudos do Movimento Pentecostal – CEMP. Disponível em: <file:///C:/Users/familia/Downloads/VALDINEI_RAMOS_GANDRA.PDF>. Acesso em 22 out. 2017.

GAFIN, Richard. *Perspectivas sobre o pentecostes: estudos sobre o ensino do Novo Testamento acerca dos Dons*. Trad. Ulisses Horta Simões. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2010.

GEE, Donald. *Porque creio em Institutos Bíblicos*. *A Seara*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 06, nov/dez. 1962.

GEISLER, Norman L.; MEISTER, Chad V. (Orgs.). *Razões para crer: apresentando argumentos a favor da fé cristã*. Rio de Janeiro, CPAD, 2011, p. 33.

GERMANO, Altair. *A Educação Teológica nas Assembleias de Deus no Brasil: resistência e ascensão (1)*. Disponível em: <<http://www.altairgermano.net/2010/08/educacao-teologica-nas-assembleias-de.html>>. Acesso em: 29 set. 2016.

_____. *Breve cronologia e história do desenvolvimento da Educação teológica nas Assembleias de Deus no Brasil*. Disponível em: <<http://www.altairgermano.net/2010/08/breve-cronologia-do-desenvolvimento-da.html>>. Acesso em 20 maio. 2017.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1996.

GILBERTO, Antônio. *A Escola Dominical: a história da mais importante instituição de Estudo Bíblico e a sua importância para o povo de Deus*. Edições CPAD. Rio de Janeiro, 2001.

_____. *Erudição e piedade: uma entrevista com o pastor Antônio Gilberto*. Entrevista concedida a Gutierrez Fernandes Siqueira em 17 mar. 2015. Disponível em:

<<http://www.teologiapentecostal.com/2015/03/erudicao-e-piedade-uma-entrevista-com-o.html?spref=fb>>. Acesso em: 26 dez. 2016.

GOMES, José Ozean. *Educação Teológica no pentecostalismo brasileiro: a política eclesiástica da Assembleia de Deus com Respeito ao Ensino Formal (1943-1983)*. 2013. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, UMESP. São Bernardo do Campo, 2013.

_____. *Educação Teológica no pentecostalismo brasileiro: a política eclesiástica da Assembleia de Deus com Respeito ao Ensino Formal (1943-1983)*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

GREGGERSEN, Gabriele. Perspectivas para a Educação Cristã em João Calvino. *Fides Reformata*, São Paulo, vol. 7, n. 2, p. 61-83, 2002.

GRUDEM, Wayne. *Cessaram os dons espirituais: quatro pontos de vista*. São Paulo: Editora Vida, 2004.

HORTON, Stanley M. *O Avivamento Pentecostal*. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

HORTON, Stanley M. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 1999.

IBP: Instituto Bíblico Pentecostal, fundado no Rio de Janeiro em 1975.

KESLLER, Gustavo. O batismo no Espírito é bíblico e necessário. Mensageiro da Paz de fevereiro de 1950 *apud* MESQUITA, Antônio Pereira de (Ed.). *Artigos Históricos do Mensageiro da Paz*. vol. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

LIMA, Paulo Cesar. *Mensagem eletrônica*. Mensagem recebida por <pr.orlandomartins@gmail.com> em 15 nov. 2016.

LIMA, Delcio Monteiro de. *Os Demônios Descem do Norte*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves e Editora, 1988.

LUTERO, Martinho. *Debate para o Esclarecimento do Valor das Indulgências. Tese 62. Obras Selecionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1987-2005.

MACARTHUR, John. *Os carismáticos*. São José dos Campos: Editora Fiel, 1978.

MANIFESTO da Reflexão Teológica Pentecostal das Assembleias de Deus no Brasil. Disponível em: <<http://cpadnews.com.br/universo-cristao/4330/manifesto-da-reflexao-teologica-pentecostal-das-assembleias-de-deus-no-brasil.html>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

MARTINS, Ângela. *Mensagem eletrônica*. Mensagem recebida por <pr.orlandomartins@gmail.com> em: 15 nov. 2016.

MARTINS, Orlando. *A Educação teológica formal e a experiência religiosa nas Assembleias de Deus no Brasil: Conflito e Dialética*. Monografia (Especialização Lato Sensu acadêmica em Gestão e Metodologia do Ensino) – Curso de Pós-Graduação em Gestão e Metodologia do Ensino – UNIESC, 2017.

MATOS, Alderi de Souza. *Breve história do protestantismo no Brasil*. 2011. Disponível em: <<http://www.faixa.edu.br/revista/index.php/voxfaiae/article/view/27/46>>. Acesso em 22 maio. 2017.

MAZAREM, Paulo & POMMERENING, Claiton. *Pentecostalismo Pós-Clássico: aproximações e distanciamentos entre ondas e neologismos*. Azusa-Revista de Estudos Pentecostais. Joinville, ano: 8, n. 2. jul/dez. 2017.

MCDERMOTT, Gerard. *Grandes teólogos: uma síntese do pensamento teológico em 21 séculos de igreja*. Edições Vida Nova. São Paulo, 2013.

MCDOWELL, Josh apud GEISLER, Normam L.; MEISTER, Chad V. (Orgs.). *Razões para crer: apresentando argumentos a favor da fé cristã*. Rio de Janeiro, CPAD, 2011.

MELLO, Isabel. As relações de poder no pentecostalismo brasileiro: uma identidade forjada no calor de sua história. *Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, v. 1, n. 1, p. 63-82, jul. 2010.

MENZIES, William. *No poder do Espírito: um chamado ao diálogo*. São Paulo: Editora Vida, 2002.

MOISES, Cesar. *Revista Obreiro*, Rio de Janeiro, ano 38, n. 75, Edições CPAD, 2016.

MURAD, Afonso et alii. *A Casa da Teologia: introdução ecumênica à ciência da fé*. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Editora Sinodal, 2010, p.117.

NAÑEZ, Rick. *Pentecostal de coração e mente: um chamado ao dom divino do intelecto*. São Paulo: Ed. Vida, 2007.

OLSON, Roger. *História da Teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Editora Vida, 2001.

_____. *Quem precisa de Teologia?* São Paulo: editora Vida, 2003.

PAULINO, Jesiel. Mensagem eletrônica. Mensagem recebida por <pr.orlandomartins@gmail.com> em 25 maio. 2017.

_____. *Teologia e Espiritualidade. III EEDUC: Encontro de Educadores Cristãos. Tema: Educação Para um Novo Tempo*. Itajai: Editora CEC, 2002.

PIA DESIDERIA. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/pia-desideria>>. Acesso em: 03 nov. 2016.

POMMERENING, Claiton Ivan. *O ESPÍRITO em movimento na Assembleia de Deus*. Joinville: Editora REFIDIM, 2013.

_____. *Fábrica de pastores: interfaces e divergências entre educação teológica e fé cristã comunitária na teologia pentecostal*. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação – Faculdades EST, São Leopoldo, 2015.

_____. *Educação Teológica nas Assembleias de Deus: relações entre a escola bíblica, o instituto bíblico e a academia*. Disponível em:

<<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/5anptecre?dd1=15552&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 27 maio. 2016.

RELEP. Disponível em: <<http://relep.org.br/site/>>. Acesso em: 15 maio. 2017.

REVISTA OBREIRO. Rio de Janeiro. Editora CPAD, ano 19. n. 01. 1998.

REVISTA ULTIMATO. *O “colégio de Jesus” e a educação teológica das Assembleias de Deus*. ed. 331, julho-agosto, 2011. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/331/o-colegio-de-jesus-e-a-educacao-teologica-das-assembleias-de-deus>>. Acesso em: 25 nov. 16.

ROSAS, Nina Gabriela. *O Desenvolvimento do Neopentecostalismo brasileiro: esboços sobre a positividade da experiência religiosa nos dias de hoje*. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/01/art_ROSAS_neopentecostalismo.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2017.

SANTANA, Mario Sérgio de. *Samuel Câmara – quebrando paradigmas. memórias das Assembleias de Deus*. 8 jan. 2015.. Disponível em: <<http://mariosergiohistoria.blogspot.com.br/2015/01/samuel-camara-quebrando-paradigmas.html>>. Acesso em: 28 dez. 2016.

_____. *Cícero Canuto de Lima: herdeiro da doutrina sueca*: Disponível em: <<http://mariosergiohistoria.blogspot.com.br/2013/09/cicero-canuto-de-lima-herdeiro-da.html>>. Acesso em 18 abr. 2017.

SANTOS, Ismael. *Raízes da nossa Fé*. Blumenau: Editora Letra Viva, 2016.

SANTOS, Uélisson. *A Primeira Missa no Brasil*. 25 de Abril de 2017. Disponível em: <<http://santuاريو.cancaonova.com/artigos/primeira-missa-no-brasil/>>. Acesso em: 30 maio. 2017.

SAWYER, James M. *Uma introdução a Teologia*. Tradução de Estevam F. Kirschner. São Paulo: Editora Vida, 2009.

SOUZA, Rainer Gonçalves. *A Catequização dos povos indígenas*. Disponível em: <<http://mestredahistoria.blogspot.com.br/2011/02/catequizacao-dos-povos-indigenas.html>>. Acesso em: 22 maio. 2017.

SPENER, Philip Jakob. *Pia Desideria*. Trad. Theodore G. Tappert. Philadelphia: Fortress, 1964.

STEIN, Luciano. *Nils Taranger: um coração missionário no sul do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 2002

TEOLOGIA EETAD. Disponível em: <<http://www.adcascavel.com.br/departamentos/4/Teologia+Eetad>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

ZABATIERO, Júlio P. Tavares. Em busca de um projeto teológico-pedagógico para educação teológica. In: KOHL, Manfred, BARRO, Antonio Carlos (Orgs.). *Educação Teológica Transformadora*. Londrina: Descoberta, 2006.

ANEXO I – CURRÍCULO DO CURSO BÁSICO EM TEOLOGIA, OFERTADO PELA EETAD, DESDE 1979 E QUE POSSUI ÊNFASE MINISTERIAL COM ENFOQUE NA TEOLOGIA PENTECOSTAL

A EETAD “ESCOLA DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS” foi fundada pelo pastor Bernhard Johnson Jr em 1976, o qual se consolidou em 1979, com o lançamento do Curso Básico em Teologia, que já formou mais de 27.000¹⁵⁴ alunos. Segue abaixo o currículo do curso básico da EETAD.

| | |
|--|--|
| Bibliologia: Introdução ao estudo da Bíblia | Apologética I. Discernindo entre a verdade e o erro. |
| Doutrinas Bíblicas. Introdução a teologia. | As Epístolas Paulinas II. Efésios a Filemom. A vida cristã na prática. |
| Os Evangelhos. O que Jesus fez e ensinou. | As Epístolas Paulinas III. 1 e 2 Coríntios. A disciplina na Igreja e o ministério evangélico |
| Homilética. Falando de Deus aos homens. | História de Israel. Os doze livros históricos. |
| Livro de Atos. A Igreja: Seu viver e agir | Profetas Maiores. As profecias de Isaías, Jeremias e Ezequiel. |
| As Epístolas Paulinas I. Romanos e Gálatas. A justificação pela fé e a libertação em Cristo. | Profetas Menores. Grandes mensagens em pequenos livros. |
| As Epístolas Gerais. Fé, esperança e amor. | Livros Poéticos. Princípios para o viver e o louvor. |
| O Pentateuco. Os cinco livros de Moisés. | Daniel e Apocalipse. O panorama do futuro. |

¹⁵⁴ Teologia EETAD. Disponível em: <<http://www.adcascavel.com.br/departamentos/4/Teologia+Eetad>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

ANEXO II – CURRÍCULO¹⁵⁵ DO CURSO DE BACHAREL EM TEOLOGIA DA FAECAD (MEC)

Esta foi a primeira instituição pentecostal do Brasil a receber esta autorização e que conta com um currículo amplo, embora seja um curso confessional, é bastante acadêmico e dialoga com todos os saberes, seja estes teológicos, ou que representem os eixos da pesquisa científica.

| Matérias do Primeiro Período | Carga Horária |
|---|----------------------|
| Introdução ao Estudo da Teologia | 80 Horas aula |
| Introdução ao Antigo Testamento | 80 Horas aula |
| Metodologia Científica | 80 Horas aula |
| Hebraico | 80 Horas aula |
| Língua Portuguesa | 80 Horas aula |
| Matérias do Segundo Período | |
| Teologia do Antigo Testamento | 80 Horas aula |
| Filosofia Antiga e medieval | 80 Horas aula |
| Introdução ao Novo Testamento | 80 Horas aula |
| Grego | 80 Horas aula |
| Geografia e arqueologia bíblica | 80 Horas aula |
| Matérias do Terceiro Período | |
| Exegese do Antigo Testamento | 80 Horas aula |
| Filosofia Moderna e Contemporânea | 80 Horas aula |
| Teologia Sistemática I | 80 Horas aula |
| Ciências da Religião | 80 Horas aula |
| Teologia do Novo Testamento | 80 Horas aula |
| Matérias do Quarto Período | |
| História da Igreja Antiga e Medieval | 80 Horas aula |
| Hermenêutica | 80 Horas aula |
| Administração Eclesiástica | 80 Horas aula |
| Exegese do Novo Testamento | 80 Horas aula |
| Teologia Sistemática II | 80 Horas aula |
| Matérias do Quinto Período | |
| Missiologia | 40 Horas aula |
| História de Israel | 40 Horas aula |
| História da Igreja II – Moderna e Contemporânea | 80 Horas aula |
| História do Pensamento cristão | 80 Horas aula |
| Teologia Contemporânea | 80 Horas aula |
| Teologia Sistemática III | 80 Horas aula |
| Matérias do Sexto Período | |
| Homilética: Preparação de sermões, Teologia Pastoral, Teologia do Culto | 80 Horas aula |

¹⁵⁵ FAECAD. *Currículo do curso de Bacharel em Teologia*. Disponível em: <<http://faecad.com.br/site/wp-content/uploads/2015/10/MATRIZ-CURRICULAR-%E2%80%93-2015.pdf>>. Acesso em 22 out.2017.

| | |
|--|------------------------|
| Ética Cristã | 80 Horas aula |
| História do Pensamento Cristão II | 80 Horas aula |
| História do Movimento Pentecostal | 80 Horas aula |
| Teologia Sistemática IV | 80 Horas aula |
| Disciplinas Optativas | |
| Libras | 20 Horas aula |
| Educação em Direitos Humanos e Identidade Cultural | 20 Horas aula |
| História dos povos indígenas e afrodescendentes | 20 Horas aula |
| | |
| Atividades complementares | 400 Horas aula |
| Carga Horária | 2400 Horas-Aula |

ANEXO III – O PENSAMENTO DE QUATRO ÍCONES DO CRISTIANISMO E A INFLUÊNCIA SOBRE O ANTI- INTELECTUALISMO NORTE-AMERICANO

Nañez¹⁵⁶, descreve a postura anti-intelectual e antiteológica que norteou os pensamentos e discursos de quatro ícones desse período que antecedeu o Pentecostalismo: “Peter Cartwright (1785-1872); Charles Finney (1792-1875); Dwight L. Moody (1837-1899) e Billy Sunday (1862-1935)”.

PETER CARTWRIGHT (1785-1872)

Em relação á educação e formação teológica, foi um duro crítico. Algumas de suas posturas:

- ✓ Censurou o treinamento teológico; Repudiou os seminários; Desprezou a aprendizagem nos livros; Zombou dos pregadores que falavam o inglês corretamente; Creditou o fracasso de algumas Denominações ao treinamento teológico erudito; Criticou os pastores que pregavam lendo os sermões.

CHARLES FINNEY (1792-1875)

Entre muitos de seus ataques contra o ensino teológico formal, Nañez cita que Finney: Declarou por vezes, que não precisava de mais nada além da Bíblia e de sua Filosofia pessoal filosofia; Desprezou assim como Cartwright, o sermão escrito do qual faziam uso, entre tantos, Lutero e Edwards, que escreviam e liam suas mensagens do púlpito. Finney foi o idealizador do que hoje conhecemos como apelo evangelístico, entretanto, algo que foi extremamente propagado por meio das Cruzadas dos chamados evangelistas, muito comum no Evangelicalismo Moderno.

DWIGHT L. MOODY (1837-1899)

Moody cresceu num contexto que foi influenciado grandemente pelo pensamento de Peter Cartwright e de Charles Finney. Conforme Nañez:

¹⁵⁶ NAÑEZ, 2007, p. 166-184.

- ✓ Evitava e fazia pouco caso das discussões em torno da autoria dos livros da Bíblia; Quando era confrontado com passagens difíceis das Escrituras, orientava que simplesmente fossem ignoradas, alegando que “a Bíblia não foi feita para ser entendida”;
- ✓ Aconselhava os cristãos a desconsiderarem o conhecimento acadêmico e os insípidos catecismos; Se vangloriava em não ter “uma teologia”;
- ✓ Não lia nada além da Bíblia; Afirmava que a inteligência era desnecessária e que a única necessidade do cristão era o poder de Deus.

BILLY SUNDAY (1862-1935)

Demonstrou desconsideração pela vida intelectual; Afirmou que a Igreja nos EUA “morreria apodrecida” e desceria ao fundo do inferno se todos os membros fossem milionários ou tivessem formação acadêmica; Pregou que a estrada para o Reino de Deus não passava pela Universidade; Disse à uma audiência fascinada que milhares de diplomados caminhavam em direção ao inferno; Declarou que se tivesse 1 milhão de dólares, daria 999.999 para a Igreja e apenas 1 dólar para a Educação; Combateu também os sermões escritos.

ANEXO IV – DURANTE A AURORA DO MOVIMENTO EM AZUSA DISSEMINARAM-SE¹⁵⁷ CONCEITOS ANTI-INTELECTUALISTAS

- 1) A revelação e não a revelação por meio do estudo equilibrado da Escritura era destacada;
- 2) As grandes obras espirituais estavam acontecendo nas pessoas, e por meio de pessoas sem instrução;
- 3) A atividade médica é carnal;
- 4) Os livros e sermões escritos deveriam ser condenados ao fogo do Juízo;
- 5) A teologia e os credos eram inimigos do reavivamento;
- 6) A interpretação das Escrituras era uma obra exclusivamente do Espírito;
- 7) O uso de instrumentos musicais foi desestimulado, pois o Espírito Santo tocava piano em todos os corações;
- 8) Quando os instrumentos eram utilizados, afirmava-se que a música não vinha do homem, mas que era dada sobrenaturalmente pelo Espírito;
- 9) A maior parte dos líderes do início do Movimento Pentecostal considerava a igreja não pertencente ao movimento inimigas de Deus e anticristãs.

¹⁵⁷ NAÑEZ, 2007, p. 166-184.

ANEXO V – CREDO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS “O CREMOS” É EXPOSTO DESDE 1969 NO JORNAL MENSAGEIRO DA PAZ

Nos primeiros anos do pentecostalismo brasileiro, houve a preocupação por parte dos primeiros líderes de propagar as crenças pentecostais e deste modo, foram usados os periódicos como o *Boa semente*¹⁵⁸ e o *Som Alegre*¹⁵⁹ e depois o Mensageiro da Paz, e deste modo, as crenças do pentecostalismo eram legitimadas por meio do “Cremos”.

Entretanto, pode se observar claramente a tentativa dos pioneiros em padronizar as crenças pentecostais por meio de um conjunto de ensinamentos padronizados e que coadunam com a fé pentecostal, como relata o teólogo e historiador Isael de Araújo: “Os pioneiros, sem dúvida, encaravam com seriedade o compromisso de lealdade e fidelidade aos ensinamentos da Palavra de Deus.”¹⁶⁰ Portanto, por meio do *Cremos*, que passou a ser publicado mensalmente no Jornal Mensageiro da Paz, combateu-se muitos ensinamentos contrários a fé pentecostal e atualmente o periódico ainda vincula estas orientações. O atual "Cremos" das Assembleias de Deus no Brasil é publicado desde 1969 no Jornal Mensageiro da Paz.¹⁶¹

Cremos,

Em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo (Dt 6.4; Mt 28.19 e Mc 12.29);

Na inspiração verbal da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter cristão (2Tm 3.14-17);

Na concepção virginal de Jesus, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e sua ascensão vitoriosa aos céus (Is 7.14; Rm 8.34 e At 1.9);

Na pecaminosidade do homem que o destituiu da glória de Deus, e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo é que pode restaurar a Deus (Rm 3.23 e At 3.19);

Na necessidade absoluta do novo nascimento pela fé em Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus, para tornar o homem digno do Reino dos Céus (Jo 3.3-8);

No perdão dos pecados, na salvação presente e perfeita e na eterna justificação da alma recebidos gratuitamente de Deus pela fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em nosso favor. (At 10.43; Rm 10.13; 3.24-26 e Hb 7.25; 5.9);

No batismo bíblico efetuado por imersão do corpo inteiro uma só vez em águas, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo (Mt 28.19; Rm 6.1-6 e Cl 2.12);

¹⁵⁸ Boa Semente: primeiro periódico pentecostal, fundado em 1919.

¹⁵⁹ Som Alegre: segundo periódico pentecostal, e que foi o precursor do Mensageiro da Paz.

¹⁶⁰ ARAUJO, Isael. Liderança pentecostal. *Revista Obreiro*, Rio de Janeiro, ano 38, n. 75, p.46-51, out/dez., 2016.

¹⁶¹ Cremos: Credo Doutrinário das Assembleias de Deus.

Na necessidade e na possibilidade que temos de viver vida santa mediante a obra expiatória e redentora de Jesus no Calvário, através do poder regenerador, inspirador e santificador do Espírito Santo, que nos capacita a viver como fiéis testemunhas do poder de Cristo (Hb 9.14 e 1Pd 1.15);

No batismo bíblico no Espírito Santo que nos é dado por Deus mediante a intercessão de Cristo, com a evidência inicial de falar em outras línguas, conforme a sua vontade (At 1.5; 2.4; 10.44-46; 19.1-7);

Na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja para sua edificação, conforme sua soberana vontade (1Co 12.1-12);

Na Segunda Vinda premilenial de Cristo, em duas fases distintas. Primeira — invisível ao mundo, para arrebatá-la sua Igreja fiel da terra, antes da Grande Tribulação; segunda — visível e corporal, com sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (1Ts 4.16, 17; 1Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5 e Jd 14);

Que todos os cristãos comparecerão ante o Tribunal de Cristo, para receber a recompensa dos seus feitos em favor da causa de Cristo na terra (2Co 5.10);

No juízo vindouro que recompensará os fiéis e condenará os infiéis (Ap 20.11-15);

E na vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis e de tristeza e tormento para os infiéis (Mt 25.46).

ANEXO VI – TRECHO DO MANIFESTO DE REFLEXÃO TEOLÓGICA PENTECOSTAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL

Mesmo absolvendo os pioneiros acerca de sua interpretação literalista e espiritualizada da Bíblia, não podemos deixar de constatar que, em decorrência, isso os levou a promover, inconscientemente, uma aversão ao estudo. Tal fato, por sua vez, ensejou várias polarizações, que foram ainda mais exacerbadas com o dualismo platônico e a dicotomia da realidade que já existiam na tradição teológica cristã. Igrejas pentecostais estão se “neopentecostalizando”. Tal fato se dá por falta de sólida formação bíblico-teológica. Assim, algumas igrejas estão reproduzindo as práticas estranhas à Bíblia e à tradição do pentecostalismo histórico. Como resultado da reflexão bíblico-teológica das questões acima elencadas, o evento produziu as proposições que seguem abaixo:

Uma vez que temos pontos positivos e negativos, é preciso que vejamos a nossa igreja com objetividade, sem paixão, pois, às vezes, vivemos a “síndrome da simulação”, fingindo que não temos problemas e ambiguidades. Devemos ter apenas um nível teológico (unidade doutrinária, não canais produtores). Devemos ensinar a Bíblia de maneira metódica. Os pastores devem ser doutores na Palavra, sábios e profundos. Contudo, muitos pastores, por não terem afinidade com a Palavra, acabam transferindo sua responsabilidade para pregadores “itinerantes”. Precisamos encontrar e praticar um meio termo entre a academia e a prática eclesial. Precisamos cultivar uma disciplina de leitura, principalmente a da Bíblia, para erradicar o obscurantismo. Devemos primar pelo equilíbrio tanto no ensino bíblico e teológico como na prática da vida cristã, considerando ambas necessárias para um pentecostalismo sadio, genuíno e que cumpra a missão de tornar conhecida a mensagem do Evangelho — propósito primário do batismo com o Espírito Santo.¹⁶²

¹⁶² MANIFESTO da Reflexão Teológica Pentecostal das Assembleias de Deus no Brasil. Disponível em: <<http://cpadnews.com.br/universo-cristao/4330/manifesto-da-reflexao-teologica-pentecostal-das-assembleias-de-deus-no-brasil.html>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

APÊNDICE I – USOS E COSTUMES¹⁶³: A MANUTENÇÃO DA DOCTRINA¹⁶⁴ PENTECOSTAL

Desde o princípio, os líderes das ADs legitimaram sua fala por meio da oralidade e através dos Dogmas Assembleianos, sendo que em muitas comunidades pentecostais pelo país se seguia o R.I. (Regulamento Interno), que geralmente era fixado no quadro de avisos da Igreja e ensinado por meio de estudos nos chamados “Cultos de Doutrina”, onde se ensinava além do texto bíblico, as regras da denominação, o que gerou alguns radicalismos.¹⁶⁵ Esse radicalismo foi fruto da ausência de uma hermenêutica clara e de uma Teologia mais consistente, o que justificou uma compreensão equivocada na qual, muitos pastores e líderes acabaram por confundir Costumes com Doutrinas, o que em suma só aumentava as controvérsias e dissidências, de maneira que surgia a partir disso como um “Vesúvio babélico” entre os pentecostais, o que gerou muitos embates e debates entre os pastores assembleianos, em especial nas convenções, pois com a fundação da Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADB), passaram a serem realizadas periodicamente a partir de 1930 as convenções de ministros assembleianos.¹⁶⁶ Nestas reuniões se debatiam em pauta, os principais temas em busca de uma unidade doutrinal e administrativa, que de acordo com Araújo, definia a imagem do povo pentecostal nas primeiras décadas em solo brasileiro:

Os usos e costumes estiveram profundamente arraigados à própria imagem que os pentecostais faziam de si mesmo e às representações estereotipadas, uniformizadoras, que a maioria dos brasileiros, ainda hoje mantem a respeito deles.
167

Destarte que, o tema “Usos e Costumes”, sempre foi levado muito a sério dentro do contexto assembleiano, principalmente nas primeiras Convenções, como na de 1946¹⁶⁸, onde se discutiu o tema de modo intenso, visto que a temática contemplava o interesse da maioria dos pastores presentes, como relata Araújo: “O assunto foi considerado tão sério que, pela primeira vez, na história da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, houve uma

¹⁶³ Compreende-se por **costumes**, um conjunto de hábitos, normas e dogmas.

¹⁶⁴ Compreende-se por **doutrina**, um ensino extraído das escrituras.

¹⁶⁵ De acordo com ARAÚJO (2014), havia forte conotação para os usos e costumes e restrições ao vestuário, ao uso de bijuterias, aos produtos de beleza, ao corte de cabelo, como destacados pelas famosas resoluções expostas em convenções, como a resolução das Assembleias de Deus em São Cristóvão, Rio de Janeiro, em de junho de 1946.

¹⁶⁶ MARTINS, 2017, p. 23.

¹⁶⁷ DANIEL, 2004, p. 253.

¹⁶⁸ **Os Usos e Costumes e as Convenções**: Segue em anexo no apêndice, as resoluções a partir de 1946 sobre este tema.

sessão extraordinária à noite, apenas para tratar do assunto”¹⁶⁹, portanto, este tema sempre foi muito presente no dia a dia dos pastores pentecostais.

Portanto, além dos diversos dogmas e radicalismos que permearam o contexto assembleiano nas primeiras décadas do movimento no País, ainda hoje há igrejas que se mantêm presas a essa tradição, como de acordo com um respeitado líder assembleiano: “Deveriam ser reconsiderados os valores doutrinários e os bons costumes esposados pelas Assembleias de Deus, voltando àqueles padrões de vida espiritual dos anos 50 e 60”.¹⁷⁰ Como prova dessa influência, basta analisar as palavras do presidente da Convenção Geral das Assembleia de Deus no Brasil (CGADB):

Nós temos influência dos suecos, temos doutrina firme. Nosso objetivo é salvação e edificação. O deles é baseado nos americanos. Eles se amoldam a determinados costumes que não nos adaptamos.¹⁷¹

Entretanto com o passar do tempo, as Assembleias de Deus foram se abrindo para uma nova realidade, onde se valoriza mais as doutrinas bíblicas e menos os costumes humanos, ou “Usos e Costumes”, como fruto da abertura à Educação Teológica Formal.

Portanto, hoje, o tema “Usos e Costumes”, é considerado um tema ultrapassado em muitas ADs, principalmente nas Igrejas Pentecostais que adotam o modelo Pós-Clássico¹⁷², visto que são comunidades pentecostais que doutrinariamente possuem muita similaridade com o Pentecostalismo Clássico, entretanto, divergem em algum ponto doutrinário, na liturgia e principalmente nos Usos e Costumes.

CONSELHOS E DELIBERAÇÕES

De acordo com Araújo (2014), havia forte conotação para os usos e costumes e restrições ao vestuário, ao uso de bijuterias, aos produtos de beleza, ao corte de cabelo, como destacados pela famosas resoluções expostas em convenções, como a resolução das Assembleias de Deus em São Cristóvão, Rio de Janeiro, exposta no jornal Mensageiro da paz e que foi publicada na página 3 da 1ª quinzena de julho de 1946, exatamente como se

¹⁶⁹ ARAUJO, 2014, p. 880.

¹⁷⁰ ARAUJO, 2014, p. 884.

¹⁷¹ CARVALHO, Celso. *A Assembleia não é de A ou B*. Disponível em: <<http://www.creio.com.br>>. Acesso em: 05 out. 2016.

¹⁷² **Pentecostalismo Pós-clássico:** Neologismo, desenvolvido pelos professores Paulo Mazarem e Claiton Pommerening e significa as comunidades pentecostais que doutrinariamente possuem muita similaridade com o Pentecostalismo Clássico, entretanto, divergem em algum ponto doutrinário, na liturgia e principalmente nos usos e costumes (Mazarem & Pommerening).

segue¹⁷³: Em vista do exposto, a igreja unanimemente, na sua sessão ordinária de 4 de junho de 1946, resolveu o seguinte:

- Não será permitido a nenhuma irmã membro desta igreja raspar sobrancelhas, cabelo solto, cortado ou tingido, permanente ou outra extravagância de penteado, conforme usa o mundo, mas que se penteiam simplesmente como convém às que professam a Cristo como salvador e rei.
- Os vestidos devem ser suficientes compridos para cobrir o corpo com todo o pudor e modéstia, sem decotes exagerados e as mangas devem ser compridas.
- Se recomenda às irmãs que usem meias, especialmente as esposas dos pastores, anciãos, diáconos professoras de Escola Dominical, e dos que cantam no coro ou tocam.
- Esta resolução rege também as congregações desta igreja.
- As irmãs que não obedecem ao que acima foi exposto serão desligadas da comunhão por um período de três meses. Terminando este prazo, e não havendo obedecido à resolução da igreja, serão cortadas definitivamente por pecado de rebelião.
- Nenhuma irmã será aceita em comunhão se não obedecer a estas regras de boa moral, separação do mundo e uma vida santa com Jesus. Estamos certos de que todas as irmãs que amam ao Senhor Jesus cumpriram, com gozo, o que foi resolvido pela igreja.

Já no ano de 1975, houve a resolução de Santo André e o tema usos e costumes voltou a ser pauta de acalorados debates, como segue abaixo a transcrição do texto, conforme exposto pelo jornalista Silas Daniel¹⁷⁴:

- ✓ Uso de cabelo crescido pelos membros do sexo masculino.
- ✓ Uso de traje masculino por parte dos membros ou congregados do sexo feminino.
- ✓ Uso de pintura nos olhos, unhas e outros órgãos da face.
- ✓ Corte de cabelo por parte das irmãs.
- ✓ Sobrancelhas alteradas.
- ✓ Uso de minissaias e outras roupas contrárias ao bom testemunho da vida cristã.
- ✓ Uso de aparelho de televisão.
- ✓ Uso de bebidas alcoólicas.

¹⁷³ DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

¹⁷⁴ DANIEL, 2004, p. 218-224.

Já no ano de 1995, houve outro debate sobre o tema usos e costumes e nos anos seguintes este tema foi debatido através do Encontro de Líderes das Assembleias de Deus (ELAD) e em 1999 houve a resolução do 5º Elad que foi publicado na revista Obreiro nº 11, de junho de 2000. A seguir, seguem trechos da resolução que foi exposto por Silas Daniel:

Princípios são bases estabelecidas por Deus para orientação da sociedade humana e que estabelecem parâmetros, dentro dos quais o homem é aceito e se relaciona com o Criador. [...] Tradição é a transmissão de ensinamentos, práticos, crenças de uma cultura de uma geração a outra. A palavra grega para tradição é *paradosis*, usada no sentido negativo (Mt 15.2 e Gl 1.14), e também no sentido positivo (2ª Ts 2.15). Quando se coloca a tradição acima da Bíblia ou pé de igualdade com ela, a tradição assume uma conotação negativa. Muitas vezes é usada simplesmente para camuflar nossos pecados. O problema dos fariseus e de algumas igrejas hodiernas é justamente por receber a tradição como Palavra de Deus. Disse alguém: “Tradição é a fé viva dos que agora estão mortos, e tradicionalismo é a fé morta dos que agora estão vivos”. O primeiro ponto que precisa ser expresso numa linguagem atualizada: “sadios princípios (tradição) estabelecidos como doutrina na Palavra de Deus – a Bíblia Sagrada – e conservados como costume nas Assembleias de Deus no Brasil”. O texto não faz distinção entre doutrina e costume. O livro O Manual do Caped, edição de 1999, CPAD, Rio de Janeiro, página 92 diz: “Há pelo menos três diferenças básicas entre doutrina bíblica e costume puramente humano. Há costume bons, e maus. A doutrina bíblica conduz a bons costumes. Igrejas há que têm um somatório de bons costumes, mas quase nada de doutrina. Isso é muito perigoso! Seus membros naufragam com facilidade por não terem o lastro espiritual da Palavra de Deus. A palavra grega usada como “doutrina” no NT é *didache*, que, segundo o dicionário Conciso Grego – Espanhol Del Nuevo Testamento, significa: o que se ensina, ensino, ação de ensinar, ação de ensinar, instrução” (Jo 7.16-17; At 5.28; 17.19). [...] O Léxico do NT Grego/Portugues, de F. Wilbur Gingrich e Frederick W. Danker, Vida Nova, São Paulo, 1991, página 56, diz que *didasskalia* é: Ato de ensino, instrução (Rm 12.7; 15.4 e 2ª Tm 3.16). Num sentido passivo – aquilo que é ensinado, instrução, doutrina (Mc 7.7; 1ª Co 14.6 e 2ª Tm 1.10; 4.6; 2ª Tm 3.10 e Tt 1.9). À luz da Bíblia, doutrina é o ensino Bíblico normativo. Doutrina é um ensino da Bíblia normativo, terminante, final, derivado totalmente e exclusivamente das Sagradas Escrituras, como regra de fé para a Igreja, para seus membros, vista na Bíblia como expressão prática na vida do crente. Elas são santas, divinas, universais e imutáveis. Os costumes, por sua vez, são em si, regionais e temporais, porque ocorrem na esfera humana, sendo inúmeros deles gerados e influenciados pelas etnias, etariedade, tradições, culturas, credences populares, individualismos, humanismo, estrangeirismo, ignorâncias, fanatismos e carnalidade do cristão (segundo este termo do Novo Testamento 2ª Co 3.1-3). A salvação é um ato da graça de Deus pela fé em Jesus. A Bíblia ensina que somos salvos pela fé em Jesus (Rm 3.28; Gl 2.16; Ef 2.8-10 e Tt 3.5). Todos os crentes são salvos porque um dia ouviram alguém falar de Jesus e creram nessa mensagem. Ninguém fez absolutamente nada para ser salvo, a não ser ter fé em Jesus. Como consequência da salvação, temos o fruto do Espírito (Gl 5.22). Cristianismo é religião de liberdade no Espírito e não um conjunto de regras e ritos. Acrescentar algo mais que a fé em Jesus como condição para a salvação é heresia e desvio da fé cristã (Gl 5.1-4). Mas ir além da liberdade cristã, explorando os limites, é libertinagem (Gl 5.13). A fé cristã requer compromissos e por isso vivemos uma vida diferente do mundo. Do contrário, essa fé seria superficial e não profunda, como encontramos no apóstolo Paulo (Gl 2.20). Quando os gentios de Antioquia se converteram à fé cristã, a igreja enviou Barnabé para discipular aqueles novos crentes (At 11.20-22). Ele entendia que os costumes só deviam ser mantidos quando necessários, pois ensinar costumes, culturas e tradições como condição para a salvação é heresia e caracteriza seita. Barnabé sabia que a tradição judaica era mais uma forma de manter a identidade nacional e que isso em nada implicaria na salvação desses novos crentes. Portanto, não seria necessário observar o ritual da lei de Moisés (At 15.19-20). Os judeus não eram mais crente

que os gentios por causa dos costumes, e nem consideravam os gentios menos crentes do que eles. Pedro pregava o evangelho aos da “circuncisão” (judeus), enquanto que Paulo pregava os da “incircuncisão”, (gentios) (Gl 2.7-9). Não se trata de dois evangelhos, mas um só (Gl 1.1-8). [...] Proibições sem a devida fundamentação bíblica, é fanatismo. Quem faz de sua religião seu deus não terá Deus para sua religião.¹⁷⁵

¹⁷⁵ DANIEL, 2004, p. 578-582.

APÊNDICE II – CRONOLOGIA DA EDUCAÇÃO TEOLÓGICA NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS

Fundada em 1911 no Norte do Brasil, a Assembleia de Deus, promoveu uma grande expansão da Fé Pentecostal e em poucas décadas, atingiu todos os estados brasileiros, no entanto, somente 47 anos após sua fundação é que surge o primeiro instituto bíblico e, mesmo assim, sem a aprovação de maior parte da liderança nacional. Contudo, isso foi o reflexo direto dos desdobramentos históricos da Igreja, o que é exposto por Gedeon Alencar, que divide a história das ADs em três fases. A primeira é a de Implantação (1911-1930), com a chegada dos primeiros missionários suecos e a implantação da AD em solo brasileiro, a segunda fase é a Institucionalização (1930-1946) período em que foi realizada a primeira Convenção e a terceira fase (1946 em diante), onde inicia-se a oficialização da denominação com o registro estatutário da CPAD, o que reflete no desenvolvimento da Teologia Pentecostal, sendo que nas primeiras quatro décadas, por influência do *ethos* sueco-nordestino houve uma forte ênfase na Iluminação do Carisma e uma ênfase muito forte no modelo de Escolas Bíblicas para Obreiros, sendo a primeira realizada no ano de 1922.¹⁷⁶ Já a partir de 1946, por influência da Missão Americana, temos a Institucionalização e o avanço da Tradição, o que desemboca no reconhecimento da importância da Educação Teológica, legitimando a fundação do IBAD em 1959. Já no ano de 1971, criou-se o Conselho de Educação e Cultura e Ensino sobre Assuntos Religiosos¹⁷⁷ e outras importantes Instituições como a EETAD em 1979 e a partir do final da década de 90, começa a haver uma maior preocupação com a qualidade teológica dos seminários e como resultado em 1999 é promovida a abertura para a Teologia Acadêmica.¹⁷⁸

¹⁷⁶ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleias de Deus: 1911-2011*. Rio de Janeiro: Diálogos, 2013, p. 25. POMMERENING, Claiton. *Fábrica de pastores: interfaces e divergências entre educação teológica e fé cristã comunitária na teologia pentecostal*. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação – Faculdades EST, São Leopoldo, 2015.

¹⁷⁷ POMMERENING, 2015, p. 89.

¹⁷⁸ POMMERENING, 2015, p. 55.

APÊNDICE III – ENTREVISTA COM O TEÓLOGO E EDUCADOR PENTECOSTAL JESIEL PAULINO

*Jesiel Paulino é professor de Teologia e membro da AD na Espanha, mas, que durante mais que por muitos anos, serviu como teólogo na AD do Brasil, em especial, no estado de Santa Catarina.*¹⁷⁹

Qual a influência do Anti-intelectualismo sobre a Teologia pentecostal no Brasil?

A meu ver, para bem se compreender este tema é imprescindível um rápido olhar às primeiras gerações de líderes do Pentecostalismo Histórico no Brasil. Os primeiros líderes do PHB não eram leigos; assim como também não eram pessoas desinformadas do universo teológico; em especial, porque eram missionários vindos de Europa e USA.

Entendo que os primeiros líderes do PHB, no Brasil, por conhecerem de perto as os efeitos do racionalismo e da teologia liberal no seu contexto de origem, eles buscaram orientar à primeira geração de conversos a se encaminharem por este caminho, buscando a manutenção de uma fé genuína, uma espiritualidade viva "avivada", e uma paixão e prática em ser testemunhas de Cristo.

Por sua vez, a segunda onda de líderes do PHB, discípulos ministeriais dos pioneiros de plantação de igrejas, são, em geral, nacionais, e grande maioria não têm uma formação teológica, e nem secular. Embora tenham este déficit formativo, eles homens piedosos e aplicados à leitura da Bíblia. Todavia, com está escala bem menor de preparo, e trabalhando muito de sua hermenêutica através de temas, relacionando passagens bíblicas, a liderança desta geração já surge em uma igreja que começa a se balizar pelo legalismo, ativismo, e com a centralidade doutrinal da igreja se direcionando mais uma visão pentecostal da Doutrina do Espírito, do que propriamente bibliocêntrica. Assim sendo, a Bíblia como elemento formativo começa a ser relegada às reuniões de estudo bíblico (que em geral ocorriam nos feriados) e à EBD. E é neste contexto que eles formam a nova geração de líderes.

Estes novos líderes se desenvolvem ministerialmente, em sua grande maioria, com equívocos de interpretação bíblica, sem formação teológica e com a experiência de uma desaceleração do crescimento e os primeiros problemas internos de caráter mais relevante. Então eles começam um aberto combate ao esfriamento na fé e tentando lançar todas as suas âncoras em

¹⁷⁹ PAULINO, Jesiel. Mensagem eletrônica. Mensagem recebida por <pr.orlandomartins@gmail.com> em 25 maio. 2017.

um retorno aos princípios, onde começam a se encaminhar a busca de avivamentos por caminhos não bíblicos, equivocados e é aí que parece ocorrer uma "apologia anti-intelectualista" no PHB, partindo da clássica frase a: "letra mata, mas o espírito vivifica."

Risos... Bem, penso que agora sim, posso entrar em uma resposta mais específica e objetiva.

As consequências foram desastrosas e creio que ainda por um bom tempo colheremos estes frutos amargos. Entendo que se formou, em larga escala, ao longo de anos crentes sem o mínimo fundamento bíblico, e que, por conseguinte, não conseguem viver de maneira digna e eficaz a vida cristã. Todavia, a mente humana não pode ficar vazia, de modo que na ausência de conteúdos bíblicos, se forjou crentes movidos pelo emocionalismo, por desvios doutrinários, legalismo, o que foi sempre gerando a necessidade de um novo equívoco para reconfigurar o substituir o interior. Isso foi aos poucos afastando os crentes de piedade cristã bíblica e genuína, e daí foi inevitável o afastamento também de suas ações de testemunha de Cristo. Entendo que aqui está a chave do desvio doutrinário, um dos pontos mais graves do anti-intelectualismo, que levou o PHB a buscar suas referências e práticas em ações tremendamente nocivas provindas do "neopentecostalismo".

Fale-nos de sua experiência como teólogo dentro da tradição pentecostal?

Costumo sempre dizer que sou grato a Deus por minhas raízes. Eu nasci em uma família pertencente ao PHB, mas que sempre foi dedicada ao estudo das Sagradas Escrituras e à uma prática de piedade cristã autêntica. Assim sendo, cresci em um ambiente onde a leitura e o estudo eram correntes, de modo que desde muito cedo éramos incentivados não só a ler a Bíblia, mas sobretudo a estudá-la. O fato de ser o filho mais novo, no contexto de uma família onde todos os filhos se encaminharam a servir ministerialmente como pastores, aprendi desde muito cedo sobre imprescindibilidade da orientação teológica para o cristão, fosse ele um ordenado ou um leigo. Desta maneira, bem novo busquei a informação e a formação teológica.

O fato de ter me enveredado muito novo pelo caminho do saber teológico, de certa forma me tornou um pouco anacrônico para os meus pares, bem como para os mais velhos. Todavia, positivamente, isso me proporcionou a possibilidade de ainda novo está servindo nos segmentos de ensino na igreja local, e, me oportunizou a abertura de poder conhecer e dialogar com irmãos de outras confissões de fé. Este diálogo de fé com irmãos com muito mais conhecimento e experiência, bem como o fato de minha inserção ainda novo no contexto teológico me proporcionou muitos momentos prazerosos e outros não.

Diferentemente de alguns amigos que preferiram migrar do movimento pentecostal, eu sempre entendi que eu poderia ser um agente de transposição de conhecimento para o nosso contexto, visando servir como um agente facilitador da redescoberta da Bíblia em nosso meio. Esta ideia de confrontação de princípios equivocados e de ser agente de transformação, em verdade me gerou inúmeros algozes, rótulos, resistências e afins. Em grande parte isso ocorreu por decorrência do ímpeto da juventude em querer mudar o pensamento "teológico" institucional - pois esta era o grande rosto do PHB.

A maturidade foi ensinando-me que só posso servir de agente de transformação onde tenho influência, isso me fez aceitar dar aulas em cursos de iniciação teológica e procurar ensinar o caminho de redescoberta da Bíblia às novas gerações, e acendi o cachimbo da paz com as gerações maiores.

Este novo posicionamento me foi abrindo espaço para expor minhas ideias um pouco além do meu contexto paulistano e uma vez que entendi que meu perfil não servia para me enquadrar no "evangelista pentecostal", eu passei a aproveitar as oportunidades que tinha fora para colocar o alvo em "discipular teologicamente" a jovens e deixar ver as gerações de líderes que a teologia - se for sadia - jamais seria uma ameaça. Por decorrência deste semear pequenas sementes teológicas me abriram oportunidades de dar palestras, estudos bíblicos, no sul do Brasil e daí um convite para plantar uma escola de iniciação teológica na AD de Blumenau em SC, e de apoiar a formação de um conselho de educação para a convenção das AD de SC, do qual fui diretor por 10 anos. Até então a AD em SC tinha apenas uma escola própria de teologia em Joinville, e nos demais locais eram cursos de extensão de iniciação elementar de teologia (eetad). Neste período ampliam minhas possibilidades de diálogo interconfessional, em especial com a FLT - onde estudei, abrindo portas para a participação de professores da FLT em eventos realizados pela AD.

Esta experiência junto ao CEC e o lidar diário com a comunidade pastoral me fez entender que a melhor ação seria investir na formação teológica de novas gerações, e manter o foco em educação continuada no grupo pastoral. Isso me fez mudar a Florianópolis, onde passei a servir na área de educação teológica da AD ali e como Pastor de Jovens, e de aí foi meu foco durante 10 anos produzir um despertar teológico nas novas gerações, algo que tem nos rendido muito bons frutos. Este tempo nos proporcionou o ampliar fronteiras de parcerias teológicas trazendo palestrantes da Luterana da Alemanha - através do Dr. Kilpp, e de outros centros teológicos de fora do país; bem como, passar a escrever aos periódicos da CPAD - algo que é um pouco restrito ao alto clero, buscando ampliar o meu contexto de

posicionamento teologal; e, também, ir deixando a porta aberta para jovens assembleianos fossem ocupando este espaço.

Em síntese, eu definiria esta trajetória como a mais árdua e a mais prazerosa experiência que pude ter no contexto do fazer teologia em um ambiente PHB. Sobretudo, abrir portas às novas gerações.

Quais as perspectivas para a Educação Teológica Formal, dentro do pentecostalismo brasileiro?

Bem, graças a Deus, nesta nova realidade de sociedade hipermoderna, globalizada e intercultural, onde o mundo não tem fronteiras e o acesso à informação é muito rápido, eu entendo que é o caminho crescente. A meu ver, as décadas finais do século XX foram um divisor de águas, entre o culto à ignorância e a consciência da necessidade de se redescobrir o caminho de volta à Palavra. E, por sua vez, a primeira década do século XXI, penso que marca definitivamente uma ruptura com a velha escola de pensamento teológico no PHB.

Entendo que os desafios serão outros agora, entre os quais menciono:

1. Educação teológica de qualidade. Tenho temores que ganhe força no meio PH o estudo da teologia por razões equivocadas, que haja uma banalização do saber, que a busca pelo título, ou pelo acesso ministerial, desencadeie no surgimento de uma enxurrada de pessoas com uma má formação teológica.
2. O Pentecostalismo Brasileiro ainda é muito norteado por seus efeitos litúrgicos e hinológicos, é preciso saber muito eficaz em recolocar as coisas em seus devidos lugares, para que vejamos uma larga produção teologal, mas que é serva do culto, isso gerará sérios danos à formação cristã no ambiente pentecostal.
3. A teologia precisa ser entendida como uma ciência que ocorre sob a influência das Escrituras e Iluminação do Espírito Santo. O perigo entendo que reside no posicionamento que PHB atribui aos dogmas institucionais, à força de convicções pessoais de muitos dos seus líderes, e outros elementos afins, que a meu ver são muito sutis e podem conduzir a uma espécie de contrarreforma do século XXI, devido a predominância dos desvios doutrinários.
4. O unilateralismo do PHB sempre foi um dos seus grandes problemas, e isso pode ter sérios reflexos na teologia que produzem. Entendo que somente o diálogo interconfessional e intergeracional pode produzir uma "teologia fresca", que seja interessante aos milleniums. A teologia precisa despir-se um pouco do engessamento

monásticos e se tornar algo fresco, atrativo, algo da feira, uma teologia que volte a ser feita não no isolamento da torre de marfim, mas sim no caminho entre o templo e o mercado, e que sempre desencadeie no ágora.